

LE CULTE
DES LIVRES
"CONSOLE DE
TOUTES LES RÉALITÉS
DOU LOUVRE SES..."

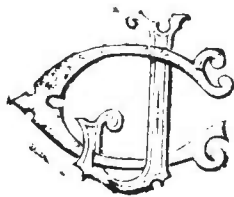
EX LIBRIS
ALFREDO PVJOL

OLAVO BILAC

CHRONICAS
E
NOVELLAS

1893—1894

Marilia—Padre Faria—S. João do Ouro Fino
Entre Ruinas—Lazaros
Fr. João Joseph—Triumpho Eucharistico
As Noites de Jacques



RIO DE JANEIRO
CUNHA & IRMÃO — EDITORES
116 Rua de S. José 116—24 Quitanda 24

1894

CHRONICAS

LIMINAR

DURANTE UM ESTADO DE SITIO,—devia ser o titulo deste volume de chronicas ligeiras e novellas futeis. De facto, durante um estado de sitio foi elle escripto, dia a dia quasi, de cidade em cidade de Minas, ao acaso, ao sabor das impressões de momento,—enquanto, no Rio, a Casa de Correção se enchia, e a policia secreta reinava, senhora absoluta.

Em Outubro de 1893, a esquadra revoltada sitiava o porto do Rio de Janeiro.

Commandava-a em chefe o almirante Custodio de Mello.

Haveria razão para que o auctor deste livro fosse suspeitado de connivencia com o almirante rebelde?

A 10 de Abril de 1892, ás 11 da noite, como uma revolta, um motim, ou qualquer cousa semelhanté houvesse rebentado no Rio, vi-me preso, interrogado por quatro horas a fio na secretaria de policia, remettido primeiro para o quartel dos Barbecos, depois para o Arsenal de Guerra, depois para bordo do *Aquidaban*, e, finalmente, para a fortaleza da Lage, de entre cujas muralhas fiquei a ver navios durante quatro mezes.

Ao cabo desses quatro mezes penitenciaris, soltaram-me. Porque me soltaram? porque me prenderam? Essas duas interrogações ainda hoje se me recurvam sobre a alma, sem resposta.

Sem resposta satisfactoria, entenda-se. Porque, emfim, nunca eu me metteria em conlujos de conspiradores, nem em qualquer machinação politica. Mas havia para o caso uma explicação : é que, achando graça no almirante Custodio,—então em pleno fastigio, em plena apothese, adorado como um fetiche fardado,—me permittira eu a liberdade de parodiar, em louvor seu, a cançoneta *En revenant de la revue*, com que se celebrisára em França o nome de Boulanger. Paguei esse

crime com uma villegiatura forçada de quatro mezes, em alto mar.

Os tempos correram.

Deixando o poder, puzera-se o almirante em campo contra o governo. Aquelles que, mezes antes, o adoravam incondicionalmente, agora incondicionalmente o insultavam.

E eis-me de repente apontado de novo como conspirador. E os cachorros policiaes, de novo, desataram a latir em torno de mim. «Cria fama e deita-te a dormir», diz um proloquio. Criei fama de conspirador, mas não me deitei a dormir : comecei a ser indigitado como um carbonario, um ente perigoso e fatal.

Que fazer? Havia estado de sitio.

Inimigos velhos, cujo odio incubado ancia por uma valvula, aproveitam a suspensão de garantias para dar pasto abundante e facil á sua vingança. E dahi as denuncias, as intrigas, as calumnias. E dahi a prisão, o vexame, a tortura.

Onde o meio de defeza? Como falar, se as paixões da multidão estão bradando ensurdecedoramente, abafando a voz de quem se quer defender? Depois, para que alguem se

faça ouvir num momento desses, é preciso que tenha a fé política, a confiança, a convicção, a febre dos ambiciosos. Nada mais facil, quando quem se quer fazer ouvir é um politico, habituado ás tricas da profissão, e alentado pela esperança da recompensa,—um diploma de deputado, uma pasta de ministro, uma credencial de plenipotenciario... Mas quando o accusado, o calumniado, o intrigado é um pobre escriptor que só pede uma cousa —que o deixem escrever em paz,—o caso é outro: é melhor calar e deixar que a accusação se desfaça por si. Porque Champfleury teve razão, quando, entre varios conselhos endereçados a um escriptor moço, incluiu este: *Ecris! tais-toi! tu n'es pas orateur!*

Foi o que fiz. Calei, escrevi... e viajei.

Oh! viajar! sahir de perto daquillo que nos espreme a vesicula biliar ou nos estrangula o coração! e, longe do presente que nos angustia, viver do passado, mais bello, errando entre ruinas que dormem ha seculos, ou, de papo para o ar, na relva cheirosa dos mattos, seguir a danza das nuvens, quando o vento

as de trança e espalha como uma cabelleira de neve!

Escrepto em Minas, possa este livro dar a quem o ler a impressão da calma, do repouso, da felicidade que me deu a mim o escrevel-o!

Vir a Minas é vir ao coração do Brazil. Porque, nesta terra, perdura, religiosamente conservada, a recordação dos primeiros brasileiros.

Por S. Paulo, pelos outros Estados do sul, pelos Estados do norte, a corrente estrangeira alaga a terra, desnacionalizando o povo. As ruas das cidades, alargadas, cheias de construcções modernas, ao gosto italiano, ao gosto allemão, ao gosto francez, rolam uma população heterogenea, em cujo sussurro de mar agitado se reconhecem todas as linguas, como no vozear afanoso dos operarios de Babel. O progresso, que rasga montanhas e galga abyssos, não cuida dos vestigios de gerações mortas que a sua passagem apaga. No Rio, já é rarissimo o canto da cidade em que uma construcção colonial se anteponha

aos olhos, reavivando a recordação das primeiras épocas da nossa historia.

Posto assim num meio que nada lembra, entre homens cujos costumes e cuja voz apenas falam de paizes estranhos e apartados, entre cousas que dizem apenas do presente,—o espirito vai perdendo a consciencia da nacionalidade, o coração se vai desapegando das reminiscencias do passado. Eu, pelo menos, só me sinto verdadeiramente brasileiro, quando deixo perdida ao longe a vozeria da rua do Ouvidor, e, abrindo o peito ao ar livre do sertão, caio na vida simples dos campos, com a alma a espreguiçar-se voluptuosamente no seio verde e fecundo da natureza.

Quando, passada **Entre-Rios**, as montanhas mineiras, cavalgando-se, atropellando-se, começam a apparecer,—a alma se alarga na contemplação da serra, e como que um sangue novo, profundamente brasileiro, nos enche as veias.

Deus, em Minas, trabalhou a criação como Miguel Angelo deve ter trabalhado as suas estatuas: a golpes loucos, a camartelladas violentas, talhando monstros cuja visão pesa na retina e esmaga o espirito.

Aqui a natureza abafa o homem, subjuga-o, prostra-o vencido, ajoelhado, livido de pasme e de admiração aos seus pés.

Diante de certas paysagens, extatico e mudo, sinto um punho de ferro constringir-me a garganta: aquillo entra-me pelos olhos, embebedando-me, chamando-me o sangue ás temporas, n'um rebate de febre, escurecendo-me o cerebro num nevoeiro...

Depois, passado o assombro, uma commoção ineffavel me domina. Descubro em mim ternuras que não suspeitava; uma piedade nova que me faz chorar a sorte de uma folha morta ou de um insecto ferido; um amor de tudo que confunde a minha vida com a vida de todas as cousas, que me eleva e me abate, que me faz igual ao passaro que vóa e á lagarta que rasteja, á pedra que dorme á beira da agua e á agua que canta entre as pedras, á nuvem que o sol estria de ouro e ao sapo desprezível que se esconde na lagôa; um desejo, enfim, de, aterrado pela minha pequenez, desaparecer dissolvido, absorvido, assimilado pela terra que me chama...

Entre as serras que se despenham á vista, como um bando de cyclopes em fuga, vóa o

trem vertiginosamente. A quando e quando, cava-se um valle: aguas, que espumam torvelinhando, correm pelo velludo verde das encostas, arrufadas ao sol, e alargam-se embaixo, lambendo as rochas, franjando-as, abrindo-se em lagos, precipitando-se adiante por novos declives. Ao fundo, pascem rebanhos; e de longe, microscopicos, os bois apparecem, movendo-se quasi imperceptivelmente ..


E tudo verde; ás vezes uma montanha surge, abre uma bocca negra, engole a locomotiva que estardalhaça na treva; e, de repente, varado o tunnel, sem transição, o mesmo verde violento, o mesmo verde entontecedor irradia, doendo nos olhos, apunhalando-os, allucinando-os. Ao galope do trem, acaba-se emfim por cerrar as palpebras. Mas parece que, através das palpebras, o verde da serra continúa a ferir a retina cansada. Um adormecimento leve, um cansaço nos afrouxa os musculos; e, numa sorte de sonho vago, como na embriaguez do hachschisch, a verdura deslumbrante continúa a passar, quasi negra aqui, verde-mar adiante, verde quasi branca mais além.

E a alma tão longe das paixões politicas!

E o coração tão desafogado de odios, de despeitos, de rancores !...

Neste meio calmo é que foi escripto o volume das *Chronicas e Novellas*. Livro de um jornalista,— não lhe peçam grande copia de ideias nem grande esplendor de forma. Leiam-n'o com a despreocupaçãõ de quem lê artigos num jornal, — e ter-lhe-ãõ feito justiça.

MARILIA

M OURO PRETO.

A caminho da Villa Rica de outras eras, que é hoje um montão de ruínas, parei nas Lages, em um sitio que demora a cavalleiro do antigo bairro de Antonio Dias, e de onde a vista, depois de abranger todo um immenso amphitheatro de montanhas verdes, queda, repousada e amorosa, no valle risonho que a gente do bandeirante de Taubaté povoou ha dois seculos. Sobre uma pedra, quanto tempo fiquei a vel-as, — as collinas amadas das musas, por onde, como um rebanho, pasceram os versos apaixonados de Dirceu, ao doce clarão dos olhos da sua Marilia !...

Era por uma tarde ennevoada e fria.

Um vento cortante assobiava; rodavam nuvens escuras no ar. E uma tristeza cobria tudo.

Por detraz de mim, a escarpa do morro subia, asperrima, pontuada de pedrouços ferugentos. Em cima, esse monte é um como sepulchro do passado, o Campo Santo de uma geração de aventureiros ousados: cobrem-n'ò muralhas derrocadas, restos de casas nobres, alicerces sobre os quaes duas juntas de bois podem passar á vontade; e, já do ponto em que eu estava, alcançavam meus olhos, no alto, na lombada da serra, massas informes de ruínas. E, abrindo-se aos flancos da montanha, como feridas profundas, buracos enormes appareciam, assignalando os logares em que a picareta e a polvera dos exploradores sondaram as entranhas da terra, em busca de ouro.

A' minha frente, uma paysagem rude se desenrolava, erriçada de collinas, atopetada de rochas, fechada ao fundo pelo Itacolomy cujo pico se encarapuçava de nevoas. A' direita, os dois maiores edificios de Ouro Preto levantavam a sua construcção formidavel. A cadeia, mole colossal de cantaria, construida para servir de séde antigamente ao poder mu-

nicipal, abria, mysteriosas e estreitas, para o grande ar da liberdade e da vida, as suas janelas de pedra, enquadrando o xadrez forte das barras de ferro. E acima della, no ar cinzento, dormia o sino de bronze, o antigo *belfroi* severo da cidade, cuja voz soberana devia dar o alarma ás gentes timoratas, em caso de perigo, ou a essas mesmas gentes rebeldes annunciar a colera de El-Rey e do Capitam General, por occasião dos motins e das sublevações. Enfrentando com a cadeia, erguiam-se os torreões e ameias do palacio do Governo, sorte de fortim que domina a praça, e a que só faltam, para que o edificio tenha completa a sua apparencia de cidadella, boccas sinistras de canhões furando as casamatas:—o povo de outros tempos não era, em Ouro Preto, socegado como o de hoje; era irrequieto, buliçoso, apoquentando com a agitação dos disturbios frequentes a tyrannia dos seus dominadores, e o governo precisava de estar em casa, como numa praça de guerra, abroquellado contra todas as eventualidades más, e áleria ao primeiro rebate da revolta.

A' esquerda, o Alto da Cruz. No pincaro, a grande cruz protectora da cidade abria sobre

ella os braços negros, como a abençoal-a; e em torno daquelle cume isolado qualquer cousa invisivel pairava, um como recolhimento da natureza; a mesma nevoa do céu naquelle ponto se adelgaçava, franjando-se, rasgando no seu manto pardo uma nesga azul em que se emoldurava o symbolo solitario.

E, por toda a parte, de um e de outro lado, umas mais perto do céu, dominando o bairro todo, outras encastoadas humildemente no concavo fundo do valle, as igrejas alvejavam.

Era, primeiro, Santa Yphygenia; em seu adro, antigamente, os negros, cujo trabalho se capitava nas minas de El-Rey á razão de quatro oitavas e tres oitavas de ouro por cabeça, vinham dansar, ao som confuso dos cachambús e dos chique-chiques, a *congada selvagem*. Era, depois, Mercês de Antonio Dias; depois, S. Francisco, de largas tribunas rasgadas para fóra, e fachada em que esplendem as esculpturas do *Alcijadinho* em pedra sabão; depois, a Matriz de Antonio Dias, o Carmo, e, já meio encobertas, deixando apenas ver as torres altissimas, S. José e Mercês de Ouro Preto.

Dos meus pés, numa descida abrupta, precipitava-se a escarpa, cheia de blocos de montanhas destacados de cima, até achar ao fundo as primeiras casas do bairro secular.

No ultimo plano, mais escondida, mais humilde do que todas as igrejas, uma capelinha inacabada apparecia ao fundo de um cemiterio pequenino: Nossa Senhora das Dores. São as economias dos presos que vão pouco a pouco, com difficuldade e fé, custeando a construcção daquelle cemiterio, em que, isolados na morte como durante a vida, os corpos dos sentenciados repousam no seio misericordioso da terra, que, para acolhel-os, carinhosamente, não se lembra de que os seus crimes a tenham um dia manchado.

Por fim, as ruas de Antonio Dias, tortuosas, estreitas, rasgadas e edificadas ao acaso, á proporção que as correntes colonisadoras affluíam á povoação fundada pelo chefe da bandeira paulista. Vistas de cima, algumas casas que se sosteem a custo, pequenas, com o arcabouço roído apparecendo no desmantelamento do barro esburacado,—parecem, descendo juntas e invalidas as ladeiras, uma procissão dessas velhinhas tropegas e tremulas,

que as romarias attrahem aos adros, em dias de festa, dando-se amparo mútuo, na solidariedade do infortunio e do medo das quédas...

E foi quando toda a minh'alma estava cheia das lembranças de outro tempo, diante daquelles despojos de que um cheiro de sepultura sahia,—que vi pela primeira vez a casa em que morou a Marilia de Dirceu, e em cujas janellas o seu vulto, na brancura offuscante das madrugadas nevoentas ou ao esplendor sanguineo dos occasos de fogo, costumava mostrar-se de longe aos olhos apaixonados do Ouvidor-poeta, a quem a paixão obrigava a trocar a toga solemne de juiz pela tunica de panno grosso de um pastor da Arcadia.

Casa nobre, que emerge de entre as vizinhas quasi como um palacio, hoje toda azul, olhando para o bairro de Ouro Preto por oito janellas,—foi nella que D. Dorothea de Seixas appareceu pela primeira vez ao poeta, e nella que a Musa, emquanto o seu cantor no degredo barbaro enlouquecia e morria, viveu, monotonamente, até os oitenta e quatro annos.

Ainda quando o inconfidente encarcerado alimentava a esperança de que a tyrannia o restituísse á liberdade, naquella casa tranquilla, hoje toda azul, de oito janellas rasgadas para o bairro de Ouro Preto, é que devem ter chegado aos olhos lacrymosos de Marilia os versos em que o poeta crystalisava os seus desejos e a sua confiança illusoria nas justiças de Maria a Louca. As mesmas collinas que ouviram as eglogas do pastor da Arcadia Mineira repetidas pela voz da sua Musa, devem ter ouvido por essa mesma voz repetidas as rimas doloridas, de anceo e de amor, com que Dirceu architectava no sonho um futuro que não veio:

« Ai minha bella! se a fortuna volta,
Se o bem que já perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo:
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar a Deus no céu e a ti na terra...
Nas noites de verão nos sentaremos,
Com os filhos, se os tivermos, á fogueira;
Entre as falsas historias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira...
Pasmados te ouvirão: e eu, entretanto,
Ainda os olhos banharei de pranto... »

Em um de seus livros, Lopes de Mendonça, falando incidentalmente de Gonzaga, revolta-se contra a apathia em que D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas se deixou envelhecer burguezmente até a caducidade, na sua casa de Villa Rica.

A alma de Lopes de Mendonça, tomada de horror diante desse envelhecimento pacato, se rebella contra o espectáculo da decrepitude da musa, de face engelhada, boceta de rapé em punho, babando-se toda de gosto ao rever-se nos netos, batendo chinellas pela casa triste, e arrastando atravez dessa vida sem poesia os seus achaques, as suas saudades e o seu tédio.

Na tragedia de Shakespeare, Hamlet, fôra de si, pergunta a Laertes, que se desgrenha em contorsões tragicas e lamentações rhetoricas á beira da sepultura da formosa Ophelia: «Que mais queres tu fazer, hypocrita, para ostentar o teu desespero? queres arrojarte do alto do Ossa? queres engulir um crocodilo?»

Naturalmente, o auctor das *Recordações da Italia* não desgostaria de ver a Marilia, desesperada pelo apartamento do seu cantor,

commetter um desses actos de prodigiosa superexcitação. Queria o escriptor portuguez que D. Dorothea de Seixas se precipitasse, como um Sapho, na cascata do Tombadouro? que tragasse allucinadamente um *caitetú* vivo? que, com o volume das *Lyras* na mão, se despenhasse do pincaro do Itacolomy?

A mim, confesso, deixam-me sem enthusiasmo todas essas possiveis soluções estardalhaçantes para aquelle idyllio. Mais que o spectaculo de um fim tragico qualquer,— o suicidio da musa ou a sua morte fulminantemente causada pela dor da despedida — encanta-me esse modo, humano e singelo, por que Marilia se deixou morrer na sua casa engastada no fundo do valle, vendo, pelas collinas que a cercavam, a descida dos rebanhos brancos que a sanfonina pastoril do seu Gonzaga celebrara.

Um certo mysterio cerca ainda hoje a historia desses amores. O que parece provado é que elles não foram uma dessas paixões que allucinam quando se não satisfazem, e em que a alma entra de parceria com a carne,

ambas anciosas, ambas exigentes, ambas humanamente excitadas.

Mesmo nos mais apaixonados versos de Gonzaga, não palpita essa febre, essa ancia de gozo e de posse, nem apparece uma nota qualquer capaz de provar que uma approximação de sexos tenha naturalmente consagrado o idyllio encantador a que a nossa poesia deve tanta pagina deliciosa.

Para o poeta, que, depois de ouvidas as partes cujos interesses pendiam do seu juizo, se debruçava á janella devaneando diante da natureza, — Marilia era apenas, talvez, a figura encarregada de dar a nota humana á paysagem arrebatadora. Quando se lêem os versos de Gonzaga, nota-se que o que quasi exclusivamente os inspira é a belleza do campo, a serenidade da vida rustica, a bemaventurança suprema da existencia ao ar livre, mais perto de Deus porque mais perto das cousas e dos costumes simples.

Aqui, é uma ave que o filho aquece entre as azas. Alli, uma vacca que o novillo tenro lambe e afaga. Mais longe, arvores que abraçam sacudindo o orvalho que as molha. Adiante, escravos que cercam o rio, cavam a

terra, colhem ao fundo da bateia o cascalho rico em que o ouro vivo fulgura; capoeiras ainda novas que se queimam, ardendo nas quebradas; terras que se adubam, misturadas com cinzas, á espera dos grãos; caçadas alegres em que a vara envisgada espera o passarinho incauto; pescarias á hora da sesta; e campos cheios de papoulas, e cêrcas emmaranhadas de rosas silvestres, e pedras de onde salta a rama bruta das gameleiras robustas... Tudo isso não seria humano, não cantaria com tanta vida, não se abrazaria em tanta luz, se uma figura de mulher não pairasse sobre o canto, se um pouco de amor não viesse dar um perfume novo de poesia ás descripções.

O proprio Gonzaga parece confessar, em verso, que não era junto de Marília que se applicavam os ardores dos seus quarenta annos bem conservados:

« Eu sei, Marília,
Que outra pastora
Céga namora
Ao teu pastor;
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo... »

E, nas *Cartas chilenas*, de *Critillo* (Alvarenga Peixoto?) lê-se:

« Aqui, meu bom amigo, aqui se passam
 As horas em conversa deleitosa.
 Um conta que o ministro em certa noite
 Entrara no quintal de certa dama;
 Diz outro que se expoz uma creança
 A' porta de Flórcio, e já lhe assigna
 O pae e a mais a mãe; *aquelle augmenta*
A bulha que Dirceu com Lauro teve
Por ciúmes crucis da sua amasia. »

D. Maria Dorothea perdoava-lhe as infelicidades carnaes, parece, contentando-se com a sua fidelidade espiritual. E nunca a paixão, a verdadeira paixão incendiaria e violenta deve ter vindo perturbar a serenidade daquelle amor honesto e comedido, nem perturbar a calma das horas innocentemente passadas em contemplações mutuas, olhares longos e sorrisos claros, trocados de janella a janella, por cima das flores que se abriam no valle, por baixo do céu que se cobria de estrellas.

Degredado o poeta, o tempo que apaga tudo,—até mesmo as magoas de amor, ai! de nós!—fez no coração de Marilia o que cos-

tuma fazer no coração de todo o mundo. E, á medida que os annos passavam, monotonicos e regulares, as saudades tambem foram passando e minguando. Dizem que, da prisão, Gonzaga propuzera á sua Musa o casamento. Mas, santo Deus! a Africa ficava tão longe! Moçambique devia ser tão feia! a viagem tão longa, por aguas tão asperas, entre temporaes tão rudes! A Musa ficou e o poeta partiu...

Sylvio Romero, no capitulo consagrado a Gonzaga na *Historia da Litteratura Brasileira*, escreve: «No processo da Inconfidencia, falla-se que o marquez de Barbacena se oppunha ao casamento do poeta. Qual a razão?»

A razão parece obvia. Naquelle tempo a investidura de magistrado nobilitava. Como magistrado, Gonzaga era nobre: e os nobres só podiam casar com licença da Côrte.

Se o Capitam-General de Minas, velho fidalgo, encarapaçado num orgulho indomavel, se oppunha á união do Poeta e da Musa, é porque, provavelmente, o sangue de D. Maria Dorothea não era bastante azul para poder ligar-se ao sangue finissimo de um magistrado de El-Rey.

Seja como fôr, é licito acreditar que não foi essa opposição do marquez a causa principal do malogro do casamento. Quero mesmo crer que só por um nobre sentimento de delicadeza pediu Gonzaga á namorada que o acompanhasse ao desterro, insistindo pelo casamento; julgou elle por certo dever essa homenagem ao bom nome de D. Maria Dorothea, para a não deixar compromettida, uma vez que a noticia dos seus amores era publica em Villa Rica. A prova disso é que, na Africa, consolou-se elle facilmente da recusa de Marilia.

Antes de enlouquecer—e quem sabe se já não estava louco!—levou á Sé Matriz de Moçambique, á presença do juiz dos casamentos e do escrivão do juizo ecclesiastico, uma jovem senhora Juliana de Souza Masquerenhas, filha legitima de Alexandre Roberto e sua mulher D. Anna Maria, de 19 annos de idade e natural da freguezia da Cabaceira-Grande. A esses dezenove annos ardentes, desabrochados sensualmente ao sol africano, entregou elle a sua vida triste, a sua madureza de idade e as suas necessidades amorosas, dando á moça Masquerenhas, á face de Deus e dos homens,

a mão e o nome de esposo: é o que consta de documentos publicados ha algum tempo pela *Revista do Instituto* (*).

Segundo esses documentos, o matrimonio foi celebrado a 9 de Maio de 1793. Gonzaga, inquirido pelo juiz dos casamentos, depois de haver jurado aos Santos Evangelhos dizer a verdade, declarou: «que se chamava Thomaz Antonio Gonzaga, filho legitimo do desembargador José Bernardo Gonzaga e sua mulher D. Thomazia Chargue Gonzaga; que era natural da cidade do Porto e baptisado na freguezia de S. Pedro do Reino de Portugal; *que tinha de idade 38 annos (?)*; que era solteiro e nunca fôra casado; que residira na cidade do Porto, nas de Beja, Lisboa, Coimbra, Villa Rica e actualmente em Moçambique, passando a existencia nas ditas cidades de mais de seis mezes; *que nunca dera palavra de casamento a pessoa alguma*, nem fizera voto de castidade ou de religião, nem tinha impedimento algum para contrahir o matrimonio que pertendia com D. Juliana de Souza Masquerenhas, a quem conhecia pela ter visto de presente,

(*) *Revista do Inst. Hist. e Geog. do Brazil*, tomo LV. 1892, pags. 361.

com quem queria ser casado de sua livre e espontanea vontade, sem constrangimento de pessoa alguma. E mais não disse.»

E como a menina Masquerrenhas fizesse declaração identica e eguaes desejos manifestasse, as auctoridades, sem mais delongas, a amarraram pelos laços matrimoniaes ao cantor de D. Dorothea.

O que parece provar que, nesse tempo, o poeta já tinha o juizo desequilibrado pelos desgostos do exilio é o facto de haver elle declarado ao juiz de casamentos que tinha de idade 38 annos. Talvez, por um sentimento desculpavel de gamenhice, quizesse elle parecer mais moço á noiva de 19 annos. Seja como for, faltou á verdade: Em 1793, anno do casamento, o poeta das LYRAS estava já com meio seculo de vida sobre a alma, pois que nascêra em 1744.

Teria a branca e sentimental D. Dorothea, em Villa Rica, noticia de que, na terra adusta da Africa, uma rival, provavelmente mestiça, conseguira saciar de beijos legitimados pela igreja a bocca do seu ardentissimo Dirceu?

Talvez não. E, se a teve, resignou-se; deu-se a amores menos platonicos, teve des-

endencia farta, envelheceu, e, em 1853, fechou os olhos á vida, em um leito antigo que, como curiosidade historica, no Rio de Janeiro, o conselheiro Viriato Bandeira Duarte conservava religiosamente.

A sua morte deve ter sido calma. Não creio que á beira do leito, na hora extrema, lhe apparecesse, esqualido, curva a cabeça encanecida ao peso da golilha, agitando tragicamente os braços com um tinido sinistro de ferros,—o fantasma de Gonzaga. A alma da Musa devia agora estar livre do peso dessa recordação, como estava o seu corpo agora obeso, agora cheio de erysipelas, agora tristemente afeiado pela velhice e pela agonia...

As confissões, as communhões, os rosários lentamente resados sobre as lages da matriz de Antonio Días, os jejuns, e as outras praticas religiosas, com que a velha e celebre senhora enxotava do espirito ideias profanas, não lhe permittiam tirar o pensamento da face e da essencia do Senhor, para o fixar na memoria do seu delambido cantor. Aos oitenta annos, as matronas podem dar para Thereza de Jesus; para Marilia de Dirceu é que não dão, com certeza.

Já 17 annos antes de morrer, havia D. Maria Dorothea feito testamento. E esse documento assignado pelo seu punho, é frio, secco, incolor. E' o testamento de uma beata vulgar, olvidada de amores, desapegada de recordações, que não tem tempo para se lembrar de que já inflamou a inspiração de um poeta, porque todo o seu tempo é pouco para pedir a Deus um cantinho do céu e uma fatia do pão-de-lot da bemaventurança eterna.

Aqui está o testamento, ao qual conservo a orthographia original :

« Bento Antonio Romeiro Veredas, es-
crivão da provedoria do termo da Capital do
Estado de Minas Geraes, etc. Certifico que em
meu cartorio existe o testamento com que nesia
cidade-falleceu D. Maria Dorothea Joaquina
de Seixas, o qual é do theor seguinte: Eu Dona
Maria Dorothea Joaquina de Seixas achando-
mê em perfeita saude e entendimento, ordeno
meu testamento na forma seguinte. Em nome
da Santissima Trindade. Amen. Sou filha le-
gitima do Capitam Balthazar João Mayrink e
sua mulher Dona Maria Dorothea de Seixas,
já fallecidos. Instituo por meus testamentei-
ros e universaes herdeiros a D. Francisca de

Paula Manso de Seixas que vive em minha companhia e Anacleto Teixeira de Queiroga que ao presente é rezidente no Rio de Janeiro para que cada um de persí e in solidum possam ser meus testamenteiros, bemfeitores, administradores de todos os meus bens, e thé vender fóra de prassa para repartirem entre ambos a liquida heransa depois de pagas as dividas que ainda existirem de meu Tio o snr. João Carlos. Dexo em premio ao Testamenteiro que aseitar esta testamentaria sem mil reis e o praso de quatro annos para a conta final. Declaro que dexo huma cedula a minha Testamenteira a qual não será obrigada a apresental-a em juizo e só com seu juramento se lhe levará em conta a despesa que com a mesma fizer. Dexo a eleisão da minha Testamenteira as dispozisoins do meu funeral e só recomendo que o meu corpo será sepultado em cova da Ordem de S. Francisco de Assis, e que por minha alma celebrem quantas missas de corpo presente cober no pocivel de esmolla de mil e duzentos cada uma e tambem quero que se digão as de S. Gregorio, e por esta forma hei por findo o presente Instrumento por mim feito e asinado na cidade de Oiropreto

a dois de Outubro de mil oitocentos e trinta e seis. Maria Dorothea de Seixas.—Foi approvado pelo tabellião Antonio de Almeida Vasco em 16 de maio de 1840. — Foi apresentado ao Juiz e aberto por elle Dr. Eugenio Celso Nogueira em 10 de fevereiro de 1853 (pela morte da testadora). Foi acceito pela primeira Testamenteira em 21 do mesmo mez, perante o tabellião João dos Santos Abreu.»

Ora, ás imaginações escalçadas não parecerá com certeza digno do drama este desfecho vulgar. A mim, porém, parece-me o unico digno, porque teve a mesma simplicidade e a mesma naturalidade do drama. Este foi simples como a natureza e a vida rustica que lhe formaram o scenario: um poeta, uma mulher, duas janellas que se defrontam, alguns versos lindos, uma conspiração, um apartamento, muitas lagrimas, muitas saudades, e depois... filhos de parte a parte. Mais nada. Não nego que D. Maria Dorothea teria dado prova maior do seu amor acompanhando á Africa aquelle que fez o possivel para eternisal-a na memoria dos homens. Mas, que querem? as mulheres

são assim... Quasi sempre para ser amado por ellas até a loucura, é necessario, antes de tudo, isto: não as amar.

Mas isso não altera o que fica escripto. O mundo é o mesmo, em Villa Rica como na China: é preciso aceital-o sem o discutir. Demais, que temos nós com isso?—Temos os versos de Gonzaga: amemol-os. Temos a recordação de Marilia: veneremol-a.

Porque,— inorta como Sapho, tragicamente, ou, naturalmente, como qualquer burgueza — a mulher, cujos olhos inspiraram meia duzia de versos perfectos, é digna do carinho e do amor dos poetas que vieram depois, com a mesma aspiração de corporisar em syllabas medidas o doce luar que, em redor do seu infortunio, espalha a presença da pessoa amada...

PADRE FARIA

QUEM, vindo da episcopal Marianna, entra em Ouro Preto, encontra, antes do bairro do taubateno Antonio Dias, — mais velho do que elle e por isso mesmo mais curioso, o bairro do Padre Faria, com a sua egreja simples plantada ao fundo do valle e o seu grande cruzeiro de pedra rendada, de seis braços, á maneira das cruzes papaes.

A pouca distancia, mostram-se ainda os alicerces da casinha tosca em que o Padre Faria assentou o seu presbyterio, mesmo no coração do povoado que a sua gente fundou. Perto, porque já estamos no limite léste da cidade, ouve-se o barulho surdo das aguas do Tombadouro. Lá em cima, vê-se a estrada,

orlando o sopé dos morros de S. João e S. Sebastião que manchas negras de ruínas cobrem. E de junto da igreja sobe uma rua longa, calçada, toda cheia de destroços de casas.

Sentado ao pé da cruz, comecei a reconstruir em sonho um dia de festa religiosa no bairro do padre Faria, ao tempo em que ainda, sahindo do seu presbyterio, elle vinha, entre os fieis ajoelhados, atravessando a larga ponte de pedra que dá accesso para o adro, officiar no templo, a que concorriam nobreza e povo, contractadores e escravos.

Nesse tempo não teria eu podido, miseravel plebeu, sentar-me a um dos degrãos de pedra do cruzeiro. Os nobres sómente, — nessa epocha em que El-Rey era o filho mais velho de Deus e os fidalgos seus irmãos mais moços, — podiam, sem offensa á soberania divina, tocar com os fundilhos dos calções de velludo as pedras sagradas e aproximar da base da cruz os bicos finos dos sapatos, em cujas fivelas reluziam grandes crysolithas e turmalinas fulgurantes.

Mas, os tempos mudaram. Um hervaçal rasteiro e máo acolchoou a terra em torno da igreja. Mordidos, aqui e ali, de lichens, que

os mancham, os degrãos do cruzeiro dormem abandonados.

E, só, debaixo do céu que a quéda do sol ensanguenta, posso, deixando a alma fugir para o passado, vêr, n'um sonho, a procissão dos fieis que chegam. Oh! o bello sonho que me offuscou os olhos com a faiscação de toda uma opulencia extincta para sempre, e me embalou a alma na rêde de ouro de uma fé, que morre á mingua de crentes e de poetas !

Na torre baixa, coberta de folhagens e de flores, o sino canta.

Nos morros de em torno, as minas descansam, sem trabalhadores. A's margens dos riachos, nas bacias que as enchurradas cavaram nas rochas, os gorgulhos repousam. Nem uma bateia se agita. Nem um almocafre trabalha, retinindo de encontro ás pedras. Cascalhos ricos de ouro, dormi ! ninguem irá hoje interromper o vosso somno sob as cobertas de desmonte e as ferragens inuteis que vos abrigam ! Dormi ! E' dia de festa. O sino canta. Mineiros e garimpeiros correm á igreja. E a terra toda, em silencio, livre por um dia dos que

lhes rasgam as entranhas, jaz n'um torpor inalteravel.

O adro já está cheio. Em grupos, os fidalgos formigam, dando volta ao cruzeiro, que abre gloriosamente os seus seis braços de pedra no esplendor do dia.

Passam cabelleiras trançadas, de rabicho, cahindo sobre costas de compridas casacas amarellas, azues, vermelhas e verdes, amplamente degolladas, com enormes canhões dobrados; coletes de setim macáo, bordados a lentejoulas, com abotoaduras fulgurando como estrellas; camisas de folhos sobre cujas rendas se agitam, á maneira de grandes borboletas brancas, as largas gravatas de lenço bordado; chapéos á Frederico, de tres pancadas; calções de seda, sobre cujas fivellas de ouro roçam de quando em quando tilintantes bainhas de prata de floretes ricos. E, sobre as lages, rythmando a cadencia do passeio, batem grossos bastões, de castão recamado de gemmas preciosas.

De vez em vez, um fidalgo pára, e consultando a hora, faz brilhar ao sol um relogio enorme, pendente de grossa cadeia de cornalina.

Junto á porta da egreja, estão immoveis as damas.

Sobre as cabeças, em tufos graciosos, arredondam-se-lhes as coifas de seda branca, brosladas a fios de ouro; e, de sob as coifas, lhes sahem meneadas ao vento as cabelleiras polvilhadas de branco. Camisas de rendas arufadas como espumas, apertadas ao pescoço, rutilam, duras de gomma. E sobre os espartilhos fortes, de barbatanas, fazendo o peito alto, estiram-se os *macaquinhos* de velludo, em que ardem joias descommunes, corymbos de pedrarias em engastes de prata, toda uma constellação de diamantes. Ao peso das mesmas joias, arrançadas em fórma de brincos, distendem-se os lobos das orelhas. E, trançadas aos braços, cheios de pulseiras pesadas, enrolam-se as caudas longas das saias de roda, de entre cujas dobras emergem as mãos brancas, de dedos finos, que desaparecem debaixo do fulgor dos grandes diamantes do Tijuco.

Postas numa attitude de estatuas, de physionomia grave, a que a cabelleira empoadá dá um ar picante de prematura velhice, as damas inclinam a cabeça, quando um cavalleiro, a passos miudos e estudados de minuete, ensaia um comprimento ceremonioso,

em que toda a galanteria do fidalgo transparece.

Sobre tudo aquillo, sobre aquelle torvelim de sedas, de pedrarias, de velludos, um sol vivo se desata em raios alegres, e o sino continua a cantar as suas mesmas notas ardentes. Contractam-se figuras para as contradanças variadas, combinam-se passos para os requebros dos minuets; e cada qual sorri á lembrança da animação que vão ter os fandangos aristocraticos, de cadencia marcada pelo chocalhar dos chique-chiques de prata.

Mas, em baixo, sem transpor o espaço respeitavel que o separa do logar inviolavel em que esplende a nobreza, fica o povo, a vil canalha dos africanos retinctos e dos indios, cujos braços cavam a terra para dar aquelle ouro aos bastões dos fidalgos e aquelles diamantes ás arrecadas das fidalgas; fica a arraia miuda, cujo suor sustenta as prodigalidades da Corte Real, essa mesma arraia miuda que, dahi a alguns annos, se ha de transformar numa população irrequieta de brazileiros altivos, levantando motins diarios contra a tyrannia dos impostos, contra o orgulho dos contractadores, contra as tropas de El-Rey, até cer-

car o throno amedrontado com a alcatéa rugidora dos seus brios longo tempo soffredos...

Mais pausado agora, desfaz-se o sino em uma revoada de notas serenas. E' o padre que alli vem, de mãos espalmadas sobre o povo, numa grande benção muda. Em baixo, prostram-se todos: e um rumor abafado de' reza sobe da multidão ajoelhada.

Em cima, no adro, levantam-se os chapéus. As damas, numa rapida mesura, comprimentam Deus que passa, com familiaridade e comedimento, como de igual para igual, sem as grandes expansões de fé e de humildade com que o comprimenta o povo. Cala-se o sino. A musica começa. E as proprias arvores, no ar socegado, parecem levantar os galhos verdes, numa silenciosa prece...

Todo esse espectáculo me passava em sonho pelos olhos, quando, sentado ao sopé do cruzeiro de Padre Faria, eu vivia a existencia dos fieis de outr'ora, e reconstruia os costumes perdidos, estudados na leitura daquelles que, como o illustre Dr. Felicio dos Santos (*), to-

(*) *Dr. Felicio dos Santos «Memorias do districto diamantino», Rio de Janeiro, 1868—pag. 77 e seguintes.*

maram a si a tarefa de historiar o inicio da civilização mineira.

Voltando a mim, vi que a noite descia. Algumas estrellas se accendiam no alto, sobre a natureza adormecida, taúxiando o céu quasi negro. Desci do adro e voltei para a cidade. Tudo deserto. Nem um caminhante acordava com as suas passadas o bairro secular do Padre colonizador.

Mas, de repente, uma figura humana começou a avançar, em sentido contrario ao meu. Approximava-se um rumor de passos. E quando cheguei a ver o solitario transeunte, um horror grande me tomou o espirito, tão grande como o que estatelou Gauthier, ao ver, na Grecia, junto do Parthenon, um mascate, com as suas bugigangas espalhadas ao pé dos marmores divinos. O transeunte era um engraixate que recolhia da cidade !

Um engraixate ! E, quando elle, com a sua caixa ás costas, desapareceu na escuridão, ainda uma revolta me agitava a alma contra a brutalidade do encontro, vindo quebrar o encanto do meu sonho do passado com o apparecimento dessa prosaica instituição moderna...

S. JOÃO DO OURO FINO

POR um dia quente, de sol vivo, reverberando sobre o verde das montanhas, galgo a encosta abrupta das pedreiras das Lages. Pela estrada ingreme, tropeçando nas pedras, sóbe o cavallo a passo, penosamente. E, de um lado e de outro, nesta parte hoje abandonada da veneranda Villa Rica, amontoam-se ruínas disformes, cavam-se furnas de minas esgotadas, rasgam-se despenhadeiros, abysmos talhados a pique nas rochas.

Quanto mais se sóbe, mais ruínas apparecem: palacios de entrada larga, portas immensas, cujos pilares trabalhados em um só blóco de pedra furam ainda o céo, isolados, negros, destacando-se do fundo de esmeralda do morro,

ou, mais altos, do fundo de turqueza do céu; casas mais pobres, já sem tecto, cujas paredes toscas se equilibram ainda; muros esphacelados, dispostos em cêrca, dentro de cujo ambito deviam os mineiros cultivar a terra ou deixar ao abrigo da rapina os animaes.

Sobre algumas das ruinas, aproveitando os alicerces inabalaveis, gente nova levantou casebres frageis, de paredes de bambú e barro, de tecto de palha trançada: e, por baixo do reboco ligeiro, a pedra ferrugenta da construção primitiva apparece, denunciando a velhice das bases em que assentam as casinhas modernas. E ha qualquer cousa que commove nesse espectaculo: o trabalho dos operarios mortos ha duzentos annos, facilitando e auxiliando a vida dos seus irmãos de hoje, acurvados ás mesmas fadigas, á canga da mesma pobreza e da mesma obrigação de ganhar o pão com o suor do rosto e o sangue das mãos...

Quando chego á igreja de S. João, a primeira edificada em Ouro Preto,—o sol irradia sobre a extensão infinita da paizagem, quebrando os seus dardos de fogo de encontro ás rochas, faiscando sobre a alvura das casas, dando um tom de prata nova á agua de um rio

que se arrasta, em baixo, serpenteando, caprichoso, no sulco de junção de duas encostas.

Estou no adro da mais velha igreja da cidade: pequenina e humilde, era a ella que corriam os primeiros povoadores de Villa Rica, a pedir amparo e mineração feliz ao Deus que escondera no seio da terra o metal que enriquece. E, ao lado da capella, pendente de uma grossa trave de madeira de lei, está ainda o velho sino, cuja voz soturna, pela primeira vez, ha duzentos annos, soou no silencio das serras invias, povoando de echos longos as quebradas adormecidas. Aqui está elle ainda, de voz tão fresca como quando sahiu das mãos do seu fundidor,—testemunha bi-centenaria das luctas, das alegrias, dos triumphos, das amarguras, do tumultuar de todas as paixões que se agitaram na sua presença, desde a época em que, attrahidos pela fulguração do ouro das serras, transpondo rios e montes, mattas cerradas e valla-dos profundos, sem relógio, sem bussola, sem conhecimentos de astronomia, luctando com a fome, com os selvagens, com as feras, guiados apenas pela sua vontade de ferro e pela sua ambição febril, — os primeiros trabalhadores

assentaram aqui o seu acampamento, de onde tinha de nascer Ouro Preto.

Quasi totalmente arruinada ha pouco tempo, a igreja de S. João do Ouro Fino está hoje restaurada. Ladrilhado de novo, pavimentado, pintado por dentro e por fóra, o formoso e singelo templo está salvo da destruição: o sino, ha tanto tempo calado, vibra de novo, aos domingos, e no altar-mór, nos velhos castiças de madeira trabalhada a faca, ardem de novo as velas diante do mais bello Christo que jamais viram meus olhos.

Esse Christo é uma obra prima, uma preciosidade inestimavel, um thesouro,—talvez o thesouro mais valioso existente em todas as igrejas da cidade. E' de marfim e mede um palmo de altura. Nada póde dar idéa da perfeição suprema, da arte inexcedivel, da quasi sobrehumana delicadeza com que foi talhado esse pequeno pedaço de marfim. Em todo o corpo, um conhecimento profundo de todos os detalhes anatomicos se revela; não falta uma saliencia de articulação, uma indicação de musculo, uma corda de tendão ou de veia. E nunca vi, em esculptura alguma, a expressão estupenda, maravilhosa, que o artista soube

dar á face do crucificado, torcida pela angustia, de fronte lacerada pelos espinhos, labios repuxados pelo soffrimento, olhos amarguradamente cerrados pela dor...

Circula o sopé do altar-mór um painel dividido em doze quadros, em que estão representados os doze apóstolos.

A pintura desses quadros foi sacrilegamente e desastradamente rastaurada ha pouco. Os santos apparecem com os labios violentamente pintados a vermelhão como labios de *cocotte*, pestanas enormes e grossas como arames, cabellos horriveis, roupagens hediondas. Pacientemente, a pinceladas habeis de aguaraz, Emilio Rouede conseguiu destruir em um dos quadros a camada profanadora das tintas novas e a pintura primitiva appareceu, deliciosa, finissima, de incomparavel precisão de colorido e irreprehensivel correcção de desenho.

Tambem, é tudo quanto ha de arte na igreja. Simples o côro, simples toda a decoração, sem afeites, sem arrebiques pretenciosos. Mas basta, no altar-mór, a presença daquelle extraordinario Christo de marfim, para prender dentro da capella, esquecida por horas e horas, a alma enamorada de um artista.

Quando saí, o occaso arde. Declina a tarde: e já, em baixo, os concavos dos valles se vão enchendo de sombras. Mais negras, com a ausencia do sol, parecendo mais proximas, as montanhas se recortam duramente no fundo do céu, como se fossem de bronze; e uma quietação melancolica, um silencio doce pesam sobre tudo. Antes de montar a cavallo para descer a escarpa, quero ouvir a voz do sino que chamava á oração os mineiros de ha dous seculos; faço vibrar o seu bojo, com uma pancada secca. Um grito claro, estridente irrompe do metal, sóbe, canta no ar, derrama-se por toda a natureza, e morre, como um gemido triste, no recolhimento do crepusculo que desce...

ENTRE RUINAS

SOBRE os rosaes silvestres, abertos em flores, nas faixas de ouro dos ultimos raios do sol, danza o vôo leve das abelhas: e apenas o seu sussurro povôa a solidão destes sitios ermos.

As gamelleiras—as amigas de todas as ruinas—estão quietas e mudas, sem uma só palpação de folha, com a ramaria dura, irrompendo dos escombros desta rua fantastica e deserta, como uma rua de sonho, cujo calçamento antigo, de grandes lageas avermelhadas, quasi desaparece sob um tapete espesso de matto curto.

Estamos entre as ruinas da rua da Agua Doce, em Ouro Preto, arteria principal da vida de ha duas centenas de annos, longa avenida,

que sobe em declive suave desde o centro do bairro do Padre Faria até perto das Aguas Ferreas, de onde já se avista a estrada de Marianna.

De todas as ruinas, entre as quaes a minha extravagancia andou por sete mezes de solidão passeiando, é esta a mais triste, e, ao mesmo tempo, a mais bella.

Nos outros pontos em que se amontoam destroços de habitações, as massas de pedra apparecem de espaço a espaço, deixando ver que entre as casas havia quintaes, pastos, roças, campos incultos. Mas aqui a construcção é compacta e cerrada: os alicerces de uma casa encostam-se aos alicerces de outra, as paredes tocam-se, e, em quasi uma hora de marcha, segue-se por uma verdadeira rua central de cidade, como a rua do Ouvidor. A differença é que, desta rua do Ouvidor dos bandeirantes, sómente as paredes das casas subsistem.

O matto cobre as calçadas de banda a banda. E se alguma cousa, além do sussurro das abelhas, que voam sobre os rosaes silvestres, quebra o silencio profundo, que pésa sobre

estes logares, é o rumor surdo dos nossos passos abafado pelas hervas que pisamos.

Vamos, dois curiosos, sem fallar, de ouvido aberto á voz mysteriosa das cousas mortas, que só em sonho se ouve, caminhando de vagar, com um recolhimento piedoso na alma, como se estivessemos seguindo a alameda de um cemiterio.

E, de repente, no mesmo instante, com a mesma idéa que nos preoccupa o espirito a romper dos labios, recitamos juntos o maravilhoso soneto de Raymundo Corrêa, cuja musica divina canta chorosamente no ar silencioso, entre as pilastras quebradas e os muros roídos, a que a luz crua da tarde dá um aspecto de decoração de magica...

« Aqui outr'ora retumbaram hymnos...
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou, por entre os europeis mais finos.

Arcos de flores, fachos purpurinos,
Trons festivaes, bandeiras desfraldadas,
Gyrandolas, clarins, atropelladas
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou... Mas destas arcarias
Negras e destes torreões medonhos
Alguem se assenta sobre as lajes frias!

Espalha os olhos humidos, tristonhos
Em torno... E chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos...»

Um calafrio nos corre a medula. E só então, precisa e definitiva, se nos revela a suprema belleza desses versos: e, involuntariamente, olhamos em torno, esperando ver, sentada a um dos escombros, a figura esqualida do propheta das *Lamentações*, de barba intonsa desgrenhada ao vento, com uma dor, melancolica e terrivel ao mesmo tempo, ullulando nos labios que o desespero retorce.

Seguimos. E, de improviso, a uma curva que faz a rua de ruinas, um espectaculo inesperado nos sorprehende.

Sobre os alicerces solidos de uma das habitações seculares, levanta-se uma pobre casa rustica, feita ás pressas e ás tontas, para aproveitar as pedras da construcção antiga. Um perfume vivo, penetrante, callido erra no ar. E notamos que a entrada do casebre está ador-

nada de palmas verdes que rodeiam as portas, destacando-se frescas do velho fundo da parede mal rebocada.

Aproximamos-nos curiosamente. Entramos. Uma sala pequena, modestamente mobiliada. O chão é de terra, sem soalho. O tecto é de esteira trançada. Mas não se veem as muralhas: porque, de cima abaixo, ellas desapparecem sob um manto de folhagens, de galhadas verdes, em cuja trama se desfazem em perfumes os grandes lyrios rutilantes,—essas admiraveis flores a que o povo dá o nome de *copos de leite*, enormes, de uma brancura sem jaça, de um aroma que embriaga, sensual e capitoso.

Sobre os moveis, pelo chão, esplendem ramalhetes de *grinaldas de noiva*, pequeninas flores que se recortam á feição das flores de lorangeiras.

E' um casamento que se festeja, n'uma familia de trabalhadores pobres. Um encanto indefinivel paira sobre a casinha, tão singela, mas tão ricamente enfeitada. E nem todas as pompas, nem todos os assombros de luxo e de riqueza cuja descripção andou ha pouco tempo enchendo os jornaes por occasião do casamento da princeza de Inglaterra, em Londres, valem

a celebração ingenua desse matrimonio de pobres, entre ruínas, dentro de uma nuvem de flores.

No scenario melancolico desta rua de outra idade, de que até mesmo os ultimos destroços já vão cahindo, desfeitos no pó em que tudo acaba, essa cerimonia da reunião de duas vidas que se vão prolongar em outras, tem qualquer cousa de altamente dramatico, que empolga a alma aborrecida do mundo, extasiando-a, mergulhando-a na fonte reconstituente e rejuvenescedora do consolo e da crença.

E, ao sahir da casa, já os nossos olhos veem com menos tristeza as ruínas.

Já das paredes desconjunctadas sobem elles para o céu que arde, para as arvores que se levantam, para a natureza forte que não morre, que se agita e canta perpetuamente, com a mesma mocidade, e que, ha duzentos annos, —quando uma turba multa de caminhanter rolava por esta rua, quando pelas janellas destas paredes hoje cahidas sahia o vozear dos homens, das mulheres, das creanças, quando o trabalho e a ambição enchiam de vida e de barulho este centro da Villa Rica primitiva,—tinha o mesmo riso moço e inalteravel que tem hoje,

depois de ter visto desaparecerem os caminhantes, ruirem as paredes, envelhecerem as creanças, e caber todo o infinito da cobiça de uma geração no espaço de sete palmos de cóva,—espaço pequeno demais para a enormidade do nosso orgulho, mas grande demais ainda para a insignificancia do nosso valor real...



LAZAROS

E todas as enfermidades, de todas as podridões que abatem e róem esta miseravel maquina do corpo humano, nenhuma excita em mais alto gráo a mtinha piedade do que a morphéa.

Só!... No meio da agitação da vida, só, entre os que amam, só entre os que riem, só entre os que choram, só entre todos,—insulado pela sua hedionda molestia, o lazaro vive mais abandonado em plena communhão social do que se estivesse no ermo absoluto do mais inexplorado areal africano. A repugnancia de todos fórma em torno do seu corpo maldito um como cordão sanitario inviolavel. Não poder dar um passo sem propagar em torno o

mesmo sentimento de nojo, o mesmo involuntario arrepio geral, o mesmo movimento de recuo! e caminhar pela vida como uma lesma, deixando no chão um rasto viscoso de lodo, —ignobil massa de cousas ascosas, decomposição ambulante, morto vivo que passa...

Ha quatro annos, convivi por espaço de quinze dias com um lazaro, na communhão de bordo, fechado com elle dentro de um navio, em mar alto. Ainda hoje, quando reavivo a recordação desses quinze dias, uma angustia sem nome me esmaga o coração.

Vejo-o ainda... Alto, magro, sempre bem vestido. Sob a deformação das linhas da face, engrossadas pela molestia, percebia-se-lhe certa distincção. E o que havia de mais triste para mim, na piedade que elle me inspirava, era ver que a deformidade não tornava só repulsiva a sua physionomia. Tornava-a comica, de um comico macabro, diabolico, horrivel. Era a physionomia de um ebrio triste, de um bebedo melancolico.

Alargava-se-lhe o nariz, cujos rebordos inchados e humidos se reviravam extravagantemente. As maçãs do rosto tingiam-se de um

vermelho sujo. Os beiços, medonhamente grossos, uniam-se mal, movendo-se a custo, quasi paralyzados, entreabertos sempre, como os de um cadaver, num rictus perpetuo: dentes brancos e perfeitos, fulgurando, entre essas duas postas de carne turgida, augmentavam ainda a sinistra expressão dessa mascara. Quasi nada de sobrancelhas e de pestanas, já. Os olhos pareciam assim maiores, sempre molhados, sempre tristes. E era uma verdadeira mascara de carnaval, meio rindo, meio chorando, numa mistura indefinivel de sarcasmo e de dor.

O lazaro, com a consciencia do asco que inspirava, andava mal, acanhado, tropeçando, não sabendo o que fazer das mãos, que, quasi sempre, lhe pendiam inertes ao longo dos quadris,—mãos enormes, de dedos entumecidos, nós violaceos de articulações pêrras, unhas que começavam a desapegar-se da carne.

No primeiro dia de viagem, não apparecera. Havia a bordo uma centena de passageiros de primeira classe,—gente de toda a especie, mocinhas trefegas cujas risadas enchiam a vastidão do mar largo, toilettes claras esplendendo ao sol; americanos ricos, em roupas de flabella

branca, faixas largas de sêda rubra á cinta, gorros extravagantes á cabeça, grossos brilhantes ao dedo, e um grande ar de *vastaquaouerismo* em toda a pessoa magestática e presumida; matronas, que começavam já a enjoar, sentadas á tolda em largas cadeiras de vime e lona; mulheres de vida airada que regressavam á Europa, a gozar do dinheiro que lhes rendera, no Rio ou em Buenos Ayres, a venda do corpo, ou, em viagem de commercio, a contractar nos mercados europeos noviças inexperientes para as suas casas de pensão; militares que deixavam, por *chic*, de usar a farda, mas que davam sempre a impressão de quem vive a arrastar esporas e espadas; caixeiros viajantes, cujas graçolas pesadas animavam todo o navio; uma população heterogênea, misturada ao acaso, travando em um só momento relações que pareciam logo, pela intimidade, datar de annos, homens de toda a classe e mulheres de toda a cathegoria, agitando-se, rindo, preparando-se para, do melhor modo, ver correr os quinze dias longos da viagem encetada,—longe de terra e da possibilidade de soccorro e ajuda, com a necessidade absoluta de considerar amigos inseparáveis pessoas que nunca tinham visto, e nunca mais

veriam talvez ao cabo dessa quinzena de convivencia forçada.

Ao segundo dia, quando todos os viajantes já se conheciam, quando o acanhamento das primeiras horas já se havia dissipado,—foi que o lazaro appareceu, na tolda, ás duas da tarde, á hora em que os beliches ficam desertos, em que o calor convida á somnolencia deliciosa nas *chaises-longues* de lona, com um livro que se não lê ás mãos, e o olhar perdido ao longe, no infinito azul do mar e do céu,—ou á palestra viva, em grupos espaçados, com a *flirtation* acompanhada de jogos de prendas, de maledicencias inoffensivas, de anedoctas picantes, de controversias futeis.

Subio a escada e cahio em plena tolda, de repente. Parou um pouco. Fez um comprimento ás pessoas que achou mais proximas, á entrada. Uma commoção sacudio todos os grupos. Um medo panico, cobarde e cruel, torceu todas as faces. E todas as cadeiras se affastaram num momento. Foi como se a propria morte houvesse apparecido...

Elle, comprehendendo, hesitou. Esteve um momento a pensar se desceria ou conti-

nuaria o passeio, dando volta ao navio. Por fim, decidio-se a proseguir. E, de cabeça baixa, humilhado, olhando o chão, adiantou-se no meio de um silencio de morte. Quando passou por mim, vi-lhe os olhos mais humidados que de costume, a face mais triste, na sua dolorosa hediondez de mascara ridicula. Quando o pobre desapareceu, descendo a escada opposta, os commentarios correram, indignados, a tolda.

Levantavam-se protestos contra a Companhia, que permittia a entrada *daquillo* nos navios. A quando e quando, uma senhora intervinha, commovida, em favor do desgraçado, lastimando-o. Mas, a sua piedade era talvez mais cruel que o rancor dos homens,—tal era a expressão de nojo com que a face acompanhava as phrases de dó.

Desse dia em diante, começou o verdadeiro exilio do pobre homem, a bordo. Tornou-se absoluta a sua solidão. Exilio negro e tremendo, numa agglomeração de mais de cem pessoas... Naquelle navio, a cuja sorte estavam tantas vidas confiadas, e dentro de cujo perimetro a sensação do perigo, o medo do naufragio, o instincto de conservação uniam todas

as almas, todos os interesses, todos os defeitos e todas as virtudes n'um mesmo laço apertado de solidariedade completa, — o lazaro sentio crescer a animosidade de todos, pouco a pouco, até se transformar em odio franco, em franca hostilidade aggressiva, expandindo-se á larga, em gestos evidentes de asco, em phrases claras de maldição.

Passou a comer em baixo, no beliche, por cuja porta ninguem passava sem precauções extraordinarias, evitando o contacto da aldraba que as suas mãos contaminavam.

E ninguem pronunciava o seu nome: tambem ninguem o sabia. Dizia-se: *aquillo*, aquella cousa, aquella chaga, aquella podridão... O lazaro não sahia mais do camarote. E, livre da sua presença, a indignação geral se foi abrandando. Afinal, seis ou sete dias passados, já ninguem pensava nelle. Foi como se tivesse apparecido a bordo um doente, que, morto e atirado ao mar, não houvesse deixado o minimo vestigio da sua aborrecida demora no meio daquella gente que se divertia, que corria á Europa a ganhar dinheiro ou a gastal-o, com a alma livre de cuidados e o corpo livre de doenças, tonificado pelo ar puro do mar

largo, robustecido pela alimentação farta, repousado pela ausencia completa de preocupações e de paixões.

Hoje um concerto, amanhã um baile, depois de amanhã uma kermesse; e os dias corriam. E só eu, ás vezes, pensava no misero exilado que se via só, no meio do mar, entre as quatro paredes de um beliche negro, cheirando a graixa e azeite, roendo comsigo mesmo o seu tédio, a sua melancolia, o seu abandono, o seu desespero...

Uma noite, o lazaro reapareceu. Foi a ultima vez que o vi.

O navio sahira de Dakar. E uma tempestade fortissima rebentou. Ao anoitecer, era impossivel estar na tolda: o vento soprava rispido, impetuoso, arrastando tudo comsigo. Trovões estalavam, com um echo infinito. E tudo negro. Adivinhava-se, pelo ouvido apenas, que o mar estava alli, temeroso e agitado. Ao relampagueiar, avistavam-se montanhas altissimas de agua, que desabavam com fragor, retorcendo espumaradas bravias. Todas as senhoras se haviam recolhido aos camarotes. Dos homens, metteramo-nos uns vinte na sala

de jogo e, entre o fumo dos charutos e o aroma do *punch*, organisáramos uma roda de *lansquenets*.

O jogo animou-se. Já ninguem prestava attenção ao barulho da tormenta lá fóra.

No entanto, todo o navio tremia, sacudido, vibrando a cada choque de onda irritada.

As vidraças do *fumoir*, abaixadas, tiniam de minuto a minuto. E succediam-se os trovões, os relampagos. Era preciso que o mar estivesse pavorosamente agitado, para que aquelle colossal transatlantico, em que estavamos, dêsse os saltos que dava, obrigando-nos a segurar os luizes de ouro das paradas e as cartas que dançavam sobre o panno verde da mesa.

Repentinamente, não sei porque, entre duas sortes felizes, lembrei-me do lazaro.

E, levantando òs olhos, não pude conter um movimento brusco, de sobresalto, vendo-o á porta da saleta de jogo, olhando para nós com uma fixidez anciosa de olhar, que nunca mais esquecerei...

Li nesse olhar indefinivel tamanho desespero, tão sobrehumana angustia, tão aterradora amargura, que fiquei a olhal-o, carinhosamente, com um sorriso á bocca, — sem fallar,

para não chamar a atenção dos outros. Todos, entregues á commoção do jogo, estavam incapazes de reparar em cousa nenhuma. Fiquei immovel, sorrindo para o pobre condemnado. E a physionomia d'elle me dizia tudo: o terror de se ver sosinho, naquella noite de espanto e de mysterio, o cansaço da alma fraca demais para supportar o peso formidavel da solidão, e um agradecimento claro á minha piedade, ao meu dó, á minha caricia de irmão, — toda a sua vida aos meus pés, para me pagar o consolo do sorriso que eu lhe concedera...

Chegára a minha vez de dar cartas. Abaixei os olhos para a mesa. Sentia-me feliz, — sabendo-o perto e consolado. — Não nos falava, mas ouvia-nos, via-nos, estava junto de homens, e não era repellido... E esse momento só de convivencia — por incompleta e enganadora que ella fosse, — apagava-lhe todos os vestigios da incomprehendida agonia dos dias passados.

Quando levantei de novo o olhar, vi que elle se aproximára de uma mesa de jogo vazia, do lado opposto ao nosso.

E, distrahidamente, certo sem pensar no que fazia, poz-se a revolver nas mãos inchadas

e vermelhas um baralho de cartas. Mas, justamente nesse instante, um dos parceiros o avistou. Com o grito de contrariedade que deu, voltaram-se todos.—Oh! pegar em cartas de que todos usavam!...

Um murmúrio de indignação cresceu entre os jogadores, subiu, mudou-se em uma saraiuada de doestos, de exclamações injuriosas.

Recolheram-se as paradas. As moedas de ouro tiniram, embolsadas á pressa.

Elle, por um momento, parou. Fugiu depois, correndo, para o beliche...

De longe, vi-lhe ainda por algum tempo as costas, sacudidas por soluços.

Desde esse dia, o *lansquenet* só se fez a bordo com baralhos novos em folha. Mas, também, desde esse dia, o lazaro não sahiu do camarote.

Procurei vel-o varias vezes, em vão. Insisti. Bati-lhe á porta. A porta só se abria para o creado que lhe levava a comida. E cheguei a Lisboa, sem que uma palavra do meu amor e da minha piedade pudesse dar algum allivio, ao seu desespero...

Annos depois, em Ouro Preto, encontrei outro morphetico, em circumstancias egualmente enternecedoras.

Era fóra da cidade, numa estrada larga que margeia um morro antigamente explorado pelos mineiros.

Quasi noite. Já tudo desapparecia, confusamente, na escuridão. De espaço a espaço, eu via abrir-se, mais negra, no negro flanco do morro, a bocca de uma mina abandonada. E essas excavações se succediam regularmente, atupidas de trevas.

Mas de uma dellas jorrou de repente uma claridade fraca. Parei, espantado de que entes humanos vivessem na humidade e no horror daquella furna.

Com effeito, vozes abafadas conversavam lá dentro. E estava eu a indagar de mim mesmo que miseria immensa forçaria homens a buscar abrigo em covas de que até mesmo lobos fugiriam, quando senti que alguém se aproximava.

Era uma menina, miseravelmente vestida. Vinha de cima, do morro; e, sobre o fundo rubro-pallido do céo, a sua figurinha se destacava tristemente,—saióte esburacado, pés nús,

cabello louro despenteado. Passou perto de mim, tão perto, que pude ver que levava ás mãos dois pratos em que fumegava comida. Chegou. Desappareceu no covil habitado.

Aproximando-me, examinei o interior da mina. Ardia no chão um fogo escasso de gravetos, allumiando vagamente as paredes negras, que suavam humidade. Ao fundo, havia uma cama feita de mólhos de capim mirrado. Roupa lavada seccava, estendida em cordas.

E, recebendo o jantar que lhe levava a menina, vi o habitante da sinistra casa, vestido de uma sorte de comprida camisola de panno grosso.

Era um lazaro. Era um homem a quem a enfermidade hedionda impunha a dolorosa obrigação de poupar ao resto dos homens a infecção do contacto do seu corpo apodrecido, e forçava a transformar-se num selvagem, habitando, como o Caliban da epopéa shakespeareana, uma caverna rude, no seio da Natureza piedosa.

Ah! felizmente para aquelles que têm a carne infiltrada de sanie, as plantas verdes ligam menos importancia do que os homens á materia miseravel, que é a mesma nos labios da

mulher que beijamos e na corolla da rosa que cheiramos ! E, mais indifferentes á podridão humana e mais generosas do que nós, as arvores não escorraçam da sua convivencia os leprosos, com medo de que o contagio da lepra lhes manche com placas de gangrena as tunicas triumphaes de que se cobrem, e lhes entóxique a seiva de que se alimentam...



S. JOSE' D'EL-REY

S. JOSÉ D'EL-REY, 2 horas da tarde. Céu descoberto de nuvens de chumbo. Estamos no coração da velha cidade colonial, em que por tantos annos viveu Tiradentes. Praça immensa, de chão atapetado de capim bravo.

No centro, o velho chafariz de 1749, despejando em larga bacia de pedra tres jorros de agua, pelas boccas de tres vermelhas e hediondas caras.

Acima das tres bicas, um nicho modesto em que, até ha bem pouco tempo, havia a imagem de S. José. Em torno de nós, fechando a praça, casarias lugubres, pesadas, silenciosas, de sacadas de grade de páo negro, de largas janelas fechadas. E ninguem... Nem um ha-

bitante apparece no longo trecho da cidade que o olhar abrange.

Um silencio de cemiterio amortalha São José d'El-Rey: e parece que sómente nós vivemos dentro della,— nós, e uma duzia de baco-rinhos trefegos, pretos uns, arruivascados outros, refocilando na lama que se empoça de trecho em trecho no meio do capim.

Trouxe-nos até aqui, de S. João d'El-Rey, um trem especial. Ao galopar da locomotiva, vimos estender-se, enorme e clara, fugindo á vista para um horizonte sem limite, a Varzea do Marçal,—admiravel planicie verde, ligeiramente ondulada, fartamente banhada pelo Rio das Mortes.

A's 9 horas, munidos de archotes, entramos na famosa Gruta de Pedra, uma maravilha natural.

Dentro da gruta, um frio fino e cortante. Grandes salões, de cujo tecto escuro pendem colossaes candeladros de pedra, succedem-se, unidos por galerias mudas, de chão humido e escorregadio.

De quando em quando, o caminho sóbe. E o visitante, sorpreso, chega a uma nova sala,

a um segundo andar da espantosa gruta. A' luz do archote, que vacilla e desmaia, resvalando pelas paredes rugosas, de anfracto em anfracto, de furna em furna, — apparecem e desaparecem, como por encanto, abysmos negros, vultos formidandos de penedos acastellados uns sobre outros.

A's vezes, de uma eminencia, o olhar mergulha pelos corredores vagamente allumiados, e percebe ao longe, — cahida de uma fenda da rocha sobre um chão que brilha dubiamente, — a luz do dia, incerta, azulada, fantastica. E, prestando attenção, num silencio absoluto, ouve-se o tic-tac das gottas d'agua pingando sobre as lages, filtradas pelas stalactites, continuando o trabalho secular da formação daquellas assombrosas columnas de pedra. Nos pontos raros em que a abobada se rasga, deixando apparecer um palmo de céu azul, a claridade põe no sólo humido uma nodoa de côr indefinivel.

Ha um sitio, de que irrompe, em plena treva, em pleno subterraneo, um tronco de arvore secular.

Ha quantas centenas de annos terá alli cahido, abandonada e triste, a semente que foi

o berço daquelle colosso? Sem ar, sem luz, o pequenino rebento cresceu talvez uma pollegada de dez em dez annos. Subiu a custo, como uma cobra, pelas paredes da immensa caverna. Engrossou, desenvolveu-se, cresceu. E, já tronco, proseguio a sua viagem desesperada e heroica para a luz, para o ar, para aquella céo que adivinhava lá em cima...

Hoje, é curioso seguir esse percurso: o tronco vai de pedra em pedra, confundindo-se com a rocha, subindo sempre, acompanhando aqui uma anfractuosidade, galgando alli uma cavidade, até que emerge da treva por um buraco aberto no tecto da gruta, e abre-se, e expande-se, e pompeia, e triumpha, e irradia, e canta em plena luz, alastrando pelo ar a sua gloriosa cópa verde, onde garganteiam passaros, onde vivem ninhos, e de onde pendem os grandes reposteiros fulvos das *barbas de velho*, como mantos regios...

A' 10 1/2, sahidos da gruta, almoçámos alegremente sobre a relva. Não havia sol. O céo ennevoado era triste e frio. Mas, não olhavamos para o céo... As *toilettes* frescas das senhoras fulguravam; o almoço, frugal e saboroso, desafiava a fome. E riamos, e

riamos, em plena liberdade, sobre o relvado fresco, entre as cantigas das aves e o barulho de uma queda de agua...

Agora, 2 horas da tarde, sob um céu coberto de nuvens de chumbo, no coração da velha cidade de S. José d'El-Rey, amortalhada num silencio de cemiterio, — sentimos a alma invadida por uma melancolia subita.

Que silencio, que tristeza, que morte! S. José d'El-Rey chama-se hoje — Tiradentes. Quizeram com essa mudança de nome perpetuar a memoria do grande Inconfidente, fechando-a numa sorte de sacrario immenso, em que ninguem possa entrar sem um grande respeito e uma commoção invencivel. Conseguiram-no. Em S. José d'El-Rey, não creio que alguem tenha a coragem de rir. Aquillo é mais triste, mais horrivelmente triste do que um campo-santo. Não creio mesmo que o viajante, que percorre as ruinas de Pompéa desenterrada, sinta a impressão de tristeza inenarravel que senti, percorrendo as ruas desta cidade morta, onde moram vivos, onde não se vê ninguem, mas onde se advinha que

uma população melancolica e cheia de tédio arrasta uma vida muda de espectros...

As ruas, calçadas de pedras miudas e avermelhadas, sobem e descem, desertas, cheias de casas a cujas janellas nem uma cabeça de ente vivo apparece. Os mesmos porcos que se encontram, de espaço a espaço, fochinando a terra, têm um ar tão aborrecido, tão concentrado, tão meditabundo, que a gente chega a acreditar que os porcos possuem como nós uma alma accessivel ao tédio e á misanthropia...

Passamos pela casa da camara, onde em 1827 se jurou a Constituição do imperio defunto, — uma grande casa que vem quasi até o meio da rua, com varanda de madeira em cujos balaustres amarellecem editaes, — e pela casa em que morou Tiradentes, — confortavel vivenda que é talvez a melhor habitação da cidade.

A matriz está situada no alto, dominando toda a cidade, ao fundo de um terraço ladrilhado. Attentando no ladrilho, vê-se que é formado por lapides de tumbas. Um relógio de sol, velhissimo, ergue-se a um canto do terraço.

Entramos. O velho templo é de uma magnificencia e de uma sumptuosidade indescriptiveis. O tecto, as paredes, as columnas desaparecem sob a pompa dos ornatos de ouro e sob as reliquias dos quadros sacros. O altar-mór fulgura, num deslumbramento. Grandes imagens pensativas, santas de espada cravada ao seio, Christos anciando sob o lenho, virgens de olhar azul erguido ao céo, quedam immoveis nos seus nichos magnificos. E, ao lado do altar principal, estendem-se duas immensas e preciosas telas antiquissimas, a *Ceia* e as *Bodas de Canaan*. — cujas tintas ainda conservam a primitiva e indestructivel frescura.

Dizem que a igreja possui uma quantidade fabulosa de salvas, de candelabros, de lampadas, de ornatos de prata. Não podemos ver esse thesouro. Ha pouco tempo, gatunos tentaram roubar-o, arrombando uma das portas lateraes do templo. E, por precaução, a irmandade escondeu toda a prata. Entretanto, podemos ver, na capella do Sacramento, uma lampada monumental de prata massiça, que arde dia e noite, — admiravel peça de grande valor intrinseco e de inestimavel custo artistico.

Subimos á torre. Fazemos vibrar o grande sino que tem esculpida no bronze a data — 1747. E, descendo ao côro, examinamos o orgão. E' uma formidavel almanjarra musical, instrumento primitivo, fabricado em 1798, com pinturas que nunca foram restauradas, e movido por dous poderosos fôles, a cujas alavancas, para que o orgão possa tocar, se dependuram dous homens. Apresentam-nos o organista. Pedimos-lhe que toque alguma cousa. Elle, um velhinho tremulo cuja velhice diz bem com a do orgão, faz-nos a vontade. Approxima-se do vetusto instrumento com carinho e respeito. Limpa-lhe as teclas, commovido, e começa... Uma melodia arras-tada, dolorida, tristissima sóbe, espalha-se pelo templo, e, pelas janellas abertas, sae para o ar livre, e vai chorar sobre as ruas desertas, — como o cantico funebre dessa cidade morta...

E, ainda, quando já longe de S. José d'El-Rey, atravessamos, a caminho de S. João, a risonha Varzea do Marçal, — ainda essa musica de agonia, banhada de lagrimas e cortada de soluços, enche-nos o ouvido e amarguradamente nos repercute dentro-da alma...

FR. JOÃO JOSEPH

NO ANNO da graça de mil setecentos e vinte, D. Pedro de Almeyda e Portugal, muito alto conde de Assumar, commendador da commenda de Sam Damiam e Sam Cosme de Azere, da Ordem de Christo, do conselho de S. M. El-Rey, sargento-mór de batalha dos seus exercitos, Governador e Capitam General das capitancias de S. Paulo & Minas Geraes, — andava de Villa Rica para Villa do Carmo e de Villa do Carmo para Villa Rica, no afanoso mister de distribuir a justiça de D. João V pelos subditos desse Fidelissimo Senhor.

Naquelles tempos apartados, distribuir a justiça de El Rey queria dizer — distribuir

os impostos, as capitações, cobrar os quintos do ouro, confiscar os bens dos ricos, carregar de ferros os miseráveis, e estar sempre de olho alerta para a hydra da desobediencia, que, a quando e quando, rugia dentro da vil agglomeração do populacho revel.

Para essas variadas attribuições do seu espinhoso cargo, mostrava o conde de Assumar uma aptidão notavel. Já, nesse mesmo anno de 1720, manifestára elle uma astucia de lobo, uma bravura de leão, uma agilidade de macaco na lucta travada contra a gente rebelde que se collocára ao mando de Felippe dos Santos. Colhido de surpresa pela revolta, D. Pedro de Almeyda e Portugal, sósinho, sem tropa, acuado em Villa do Carmo pela multidão armada, — como uma onça, numa furna, por uma matilha de cães, — fizera-se brando como um cordeiro, deixára a sua bella face de fidalgo macular-se de um riso fingido de condescendencia com as exigencias da plebe, e aceitára condições, e assignára convenios, e fizera promessas, e compromettera no negocio não só a nobre palavra sua, como a real palavra do seu augusto amo.

Victoriado pelo povo, deixou-o embalado na rede engadora das promessas, e foi a Villa Rica. E dahi a vinte e quatro horas, a sua policia secreta (tão bem organizada, tão disciplinada, tão activa como a que nos felicita hoje, em mil oitocentos e noventa e quatro), batia os arredores das duas villas, tecia em torno dos cabeças do motim uma rede formidavel de enganos, de ciladas, de perfidias, de traições. E, antes de passados oito dias, a tropa prendia todos os cabeças, massacrava grande numero de populares, e mostrava á massa bruta dos governados que uma promessa nos labios de um governante é mais enganadora do que uma miragem nas areias de um deserto. E, emquanto Felippe dos Santos, esquartejado, rebolcado no pó, sanctificando-o com o seu sangue generoso, era arrastado de collina em collina para edificação e exemplo dos subditos insubordinados, — o conde de Assumar mandava cobrar os impostos, que haviam excitado o motim, e, confiscando os bens dos amotinados, augmentava as rendas da Fazenda Real, fornecendo nova copia de cruzados para as orgias conventuaes de Sua Magestade.

Applacado esse motim, D. Pedro de Almeyda fez pesar ainda mais sobre a colonia as suas exigencias. E, havendo notado que nas minas se desenvolvera um gosto desenfreado pelos jogos de azar, — começou a perseguir a hydra do jogo como havia perseguido a da anarchia. Não sei se nas minas de então havia os modernos jogos civilizados, — a roleta tentadora, os allucinantes dados, o formidavel *baccarat*, o commovedor *lansquetnet*. E' de crer que não: o que havia era a nossa mesma rifa de hoje, esta mesma *acção entre amigos*, que ainda agora apparece diariamente annunciada nos jornaes, tentando a cobiça dos papalvos e enchendo as algibeiras dos vadios.

Um dia, mergulhando nos archivos empoeirados de Ouro Preto, pesquei ao fundo d'esse mare magnum de papeis velhos, a perola de uma portaria preciosa. E' a portaria em que o conde de Assumar prohibe ao povo do seu governo que compre *acções entre amigos*.

Esta sorte de rifa é hoje, como em 1720, um negocio da China. Careço de dinheiro. Não tenho um vintem, mas tenho um relógio.

Que faço? Não vou vender o relógio a um relojoeiro que me dê por elle cem mil reis. Promovo uma acção entre amigos, e rifo a minha joia a dez mil reis o bilhete. Vendo quarenta e nove bilhetes, embolso quatrocentos e noventa mil reis, e, quasi sempre, quando corre a loteria a que anda annexa a minha rifa, reconheço com um contentamento infinito que o premio coube ao unico bilhete que ficou commigo. E, assim, resolvo o problema de ganhar dinheiro sem perder o relógio.

Isto, que pela habilidade fim—de—seculo que revela parece cousa de hoje, é cousa que data de mais de dous seculos. E o que ha de mais curioso, na portaria que descobri, é a revelação de que foi um frade quem introduziu no Brasil a moda das acções entre amigos...

Cuidava eu que fôra o diabo em pessoa quem, a bordo de uma caravella fantastica, trouxera das terras corrompidas da Europa para as terras imáculas da America a mania do jogo.

Puro engano! a semente do jogo veio dentro do breviario de um carmelita descalço. Ides ver como fr. João Joseph, quando chegou ao Brasil—com uma face piedosa, toda alagada

de fé, pés nús mortificando-se no rude chão dos mattos virgens, mãos cruzadas ao peito, numa attitude de recolhimento e de prece, olhos extaticamente pregados no céu azul,— trazia entre as dobras do habito severo os papeluchos numerados da primeira rifa brasileira, da Eva-mãe de todas as nossas rifas.

Eis aqui o documento precioso, copiado, sem alteração, de um grande livro amarellado, picado de traças, encapado de couro roído,— cujo somno secular fui interromper no seio calmo de um armario venerando :

«D. Pedro d'Almeyda. etc. etc. Faço saber a todos os moradores deste governo que, sendo S. Magestade a q. D. g. informado que o Revdo. Padre Fr. João Joseph, Religioso Carmelita descalço introduzio neste governo humas sortes a que chamão rifas na forma que se usão nos Reynos Estrangeiros, as quaes sem ordem dos governadores e informação dos ouvidores geraes das Comarcas fazem algumas pessoas para dar sahida aos seus bens que por outro modo não venderião tão brevemente, sendo nestes casos excessivo o valor porque se rifão a saber: escravos, fazendas e moradas de casas em que S. Magestade reconhece prejuizo dos moradores

dessas minas, pois lhe chegou á sua Real noticia que muitos entravão nas ditas rifas mais por contentemporisar com pessoas de respeito que por vontade propria com dez, vinte e trinta outavas cada huma, e querendo o dito Senr. obviar o damno que se pode seguir aos seus vassallos das ditas rifas; foi servido ordenar-me as não consentisse nessas minas sob penas graves para que se não tornasse a usar das ditas rifas e crescesse o damno com a sua demasiada frequencia; portanto ordeno que nenhuma pessoa daqui em diante possa fazer rifa alguma nem entrar nella, ou seja voluntariamente, ou solicitada por outra; quando succeda pelo contrario qualquer pessoa que rifar qualquer das cousas sobreditas perderá a dita coisa rifada a metade para a Fazenda Real e a outra ametade paraquem o denunciar, e as pessoas que entrarem na dita rifa perderão triplicado o premio que nellas arriscarem ametade para a Fazenda Real e a outra ametade para as obras pias, e os Drs. ouvidores geraes farão cada hum na sua comarca que se observe com todo o rigor esta ordem que S. Magestade a quem D. g. me ha por muito recommendada e para que venha á noticia de todos a mandei publicar a som de caixas, registrar nos livros da Secra. deste Governo e nos da ouvidoria e comarca de todas as villas. --- Villa do Carmo, 15 de Março de 1720. --- Conde D. Pedro d'Almeyda. >

Perseguido pelo conde de Assumar, como o é hoje pelos delegados de policia, que fez o jogo? Desenvolveu-se. Escravos que trabalhavam doze horas por dia, no fundo negro e humido das minas, mal alimentados, gemendo sob a fome e o chicote, arriscavam sempre, ás occultas, a oitava de ouro furtada á batêa. Oh! a bella tentação para os miseraveis escravos! esse fructo prohibido que os incitava ao peccado e ao furto! esse delicioso prazer sómente agora revelado áquellas almas rudes! a attracção do azar, abrindo áquelles espiritos primitivos um horizonte largo de embriaguez, de atordoamento, de extase, — meio de ganhar dinheiro sem trabalho forçado, e, mais do que isso, meio de esquecer a amargura do captiveiro, a dor das chicotadas, o peso das golilhas e da formidavel canga do trabalho e do soffrimento!

Essa semente de rifa introduzida nas Minas pelo piedoso Fr. João Joseph faz lembrar a semente de trigo de que falla um *lied* allemão.

Um rei irritado contra uma semente de trigo atira-a ao vento: e eis que ella volta a bater-lhe insolentemente a face. Furioso,

mette-a o rei escondida no seio da terra, e exulta. Mezes depois, de volta de uma caçada, pasma e recúa, vendo, no lugar em que enterrára a semente, erguer-se um trigoal, victoriosamente, agitando no ar, como espadas, as suas longas folhas petulantes...

Tal, o conde de Assumar, suffocando a primeira rifa, fez que ella se espalhasse, multiplicada, pelas terras do seu governo, pelas terras de todo o Brazil... E seria justo que na sala principal de cada Club de Jogo do Brazil, se pusesse um trophéo, uma esculptura, uma téla, uma inscripção, qualquer cousa que perpetuasse na memoria dos jogadores os serviços de Fr. João Joseph, o meigo e generoso carmelita descalço, a cuja iniciativa devemos todos nós, nesta parte da America, o opimo florescimento das batotas de que gozamos...

Porque, emfim, o proprio D. Pedro d'Almeyda, se vivesse nestes abençoados tempos, em que os homens só não jogam a alma porque não encontram quem aposte qualquer cousa contra ella, não perseguiria mais o jogo, e deixaria que as rifas saltassem do solo, aos milhões, como vegetações de cogumellos espontaneos.

Prados, frontões, bellodromos, roletas fidalgas, visporas humildes, loterias, jogos de toda a especie, — nem mesmo o terror do bombardeio, durante oito mezes de guerra, perturbou a vossa vida gloriosa... O amor do azar se nos infiltrou no sangue de tal modo, que o jogo não é mais um vicio, não é mais um passatempo, não é mais um meio de vida, — é o proprio fim da vida, é a propria vida.

Assisti mesmo, uma tarde, em pleno Frontão, a uma scena estupenda, capaz de desmandibular o mais spleeneticos dos homens. Jogava-se uma *quiniéla*. Lestos e vivos, de olhos espertos para a direcção da pelota, musculos alerta para o salto felino, os corpos vibrando todos no exercicio violento, — os *pelotaris* corriam a *cancha*. A multidão delirava. E um sol glorioso batia em chapa sobre milhares de cabeças anciosas, — gente alhejada de tudo, entregue toda á commoção do jogo. E ouvia-se de espaço a espaço o troar do canhoneio na bahia entre fortalezas e navios, enchendo o ar.

Mas, que importava o canhoneio? Não era lá, ao roncar dos *schrappnells* e das granadas, que para aquella gente se estava deci-

dindo a sorte da patria. Aqui sim, sobre a ardosa da *cancha*, ao estalar secco da bola contra as cestas recurvas, ao rugir dos applausos a cada saque feliz, aqui, sim, é que a patria estava, porque a patria é o goso, o bem-estar, a delicia de existir, o amor, a ventura, a vida, a emoção...

De repente, um barulho entrechocado, como de fusilaria, dominou o clamor dos applausos. E aquillo durava! durava! aproximava-se! prolongava-se! Bastou um segundo para que todos comprehendessem. Um navio asestára a sua bateria de metralhadoras para a terra. E algumas balas, com um choque medonho, bateram contra o frontão de cimento, amolgando-o, esfarelado-o, rachando-o.

Toda a multidão, num rugir de tempestade, se precipitou pelas escadas.

Houve cinco minutos de fuga vertiginosa, de terror panico indescriptivel, de confusão sem nome.

Mas, dahi a meia hora, como o barulho do canhoneio houvesse cessado, alguns curiosos voltaram: « Ora! uma pontaria mal feita: cousa que succede... » Vieram primeiro

dez, cincoenta, cem depois... E a ultima *quiniéla* do programma, se não teve tantos apostadores como as outras, nem por isso deixou de ser jogada, com calma, sem açonamento, sem medo. E, entre novas acclamações, a *pelota* ia e vinha, batendo de quando em quando nos logares em que outras pelotas, mais perigosas, haviam momentos antes batido...

Ah! Deus me perdôe! e perdoem-me os manes de todos os Portugaes e Assumares! — se o integro D. Pedro de Almeyda vivesse hoje, não poria duvida em arriscar dez mil reis nas quatro patas de um cavallo, nos seis numeros de um *esguicho* ou nos oito pontos de uma *quiniéla*...

E mesmo, quem sabe? neste anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e noventa e quatro, talvez o bello fidalgo, tão rispido para com o pobre carmelita João Joseph, se decidisse, convencido das vantagens da *acção entre amigos*, a rifar o seu enorme e precioso relogioso lavrado, com figurinhas a esmalte na tampa, em torno da corôa de conde, do capacete de sargento-mór de batalha e do brazão dos Portugaes: — em campo de

prata, uma aspa de vermelho carregada com cinco escudinhos, cavallo russo, por timbre, com cabeçadas e redeas do mesmo vermelho, e elmo de prata aberto e de perfil...



TRIUMPHO EUCHARISTICO

QUANDO, em 1734, Simão Ferreira Machado deu á publicidade o seu, hoje rarissimo, folheto — *Triumpho eucharistico, exemplar da christandade lusitana em publica exaltação da fé*, — tinha assento no throno de Portugal o famoso D. João V, o Magnanimo, primeiro Fidelissimo da sua dynastia.

Subira ao throno em 1705 o filho de Pedro II e de Isabel da Baviera, com 16 annos de idade. O grande seculo expirára, havia cinco annos, — o seculo do Rei-Sol. Mas, o espantoso clarão, que essa era de fausto, de grandezas, de luxo inaudito espalhára sobre

o mundo, persistia ainda, inalteravel, porque ainda o Rei-Sol vivia, em pleno fastigio.

Versailles, côrte de França, como as côrtes da Italia, ao tempo da Renascença, governava o mundo, pelo esplendor do seu ceremonial, pelo fulgor da sua Arte, pelo deslumbramento do seu supremo bom gosto.

Do chão da França, cathedraes e palacios surgiam, de repente, como a um toque de varinha magica. E Luiz XIV, cercando-se de uma ostentação e de uma pompa nunca vistas, apparecendo aos olhos do mundo como um Deus, numa irradiação de ouro e de luz, arrastando consigo a mais bella, a mais elegante, a mais aristocratica, a mais bem educada, a mais espantosa côrte do mundo, acabava de firmar as bases da monarchia absoluta, firmando a theoria do direito divino.

Já Bossuet affirmára : « Deus é o verdadeiro rei : mas estabelece os reis como seus ministros, e, por intermedio delles, reina sobre todos os povos. » E já o preceptor do pequenino Luiz XV, mostrando-lhe a multidão a acclamal-o, sob as janellas do palacio, lhe dissera esta phrase famosa, esta phrase unica : « *Sire ! tout ce peuple est à vous !... »*

Foi nessa epocha que D. João V recebeu o poder real. O seu erario regorgitava de ouro. Do seio inesgotavel do Brazil mananciaes larguissimos de riquezas brotavam. E o rei de Portugal era um dos maiores senhores da terra, porque tinha aberto aos pés todo um Pactolo maravilhoso.

Então, as serras mineiras abriam-se prodigamente em avalanches de ouro. Os rios rolavam sobre leitos de diamantes. Em cada frincha de pedra apparecia um filão precioso.

E a metropole, de olhos offuscados pelo fulgor de tanta riqueza, mettia mãos avidas nas entranhas do Brazil, e espojava-se, ebria de fortuna, de cupidez, de fartura, sobre este chão miraculoso.

Chegou até nós a nota authentica das riquezas que do Brazil foram para Portugal durante o reinado de D. João V: — 125.174.553 de cruzados; 97.470 moedas de ouro;..... 1.568:146\$379 réis em dinheiro; 315 marcos de prata e 24.538 marcos de ouro; 70\$000 de ouro em barra; 12 milhões de cruzados em diamantes; vinte e duas caixas de ouro em obra;--além do producto do quinto das minas, que, só em 1716, importou em 345:000\$000.

Mas o novo reinado não começou com felicidade. Desposando Maria Anna da Austria, D. João V associou-se ao imperador Leopoldo para proseguir na guerra contra a França, a proposito da successão de Hespanha.

E os desastres começaram a succeder-se, desastres a que até a peste deu o seu contingente, dizimando, só em Lisboa, em 1723, mais de quarenta mil pessoas. O rei Magnanimo recolheu-se, então, desilludido, ao amor, ao goso, ao luxo e á religião. E, dando de mão ás redeas do governo, entregou-se á beatice e á libidinagem.

Voltaire photographou-o neste periodo incisivo: « As suas festas foram as procissões, os seus palacios foram os monasterios, as suas amantes foram as freiras. »

Beato e devasso, D. João V deixou-se seduzir pelo luxo da côrte de França, e introduziu-o, incalculavel e prodigioso, em Portugal. Para isso, repartia em duas porções as riquezas que lhe provinham da exploração das minas do Brazil: — metade para as despesas da mesa farta, da garrafeira abundante, do amor descomedido e licencioso, e a outra metade para a sustentação da fé e do fausto

lithurgico, para a construcção dos palacios, dos conventos, dos templos que ainda hoje em Portugal deslumbram o viajante.

Nos seus antecessores, a mania religiosa revestira forma diversa, impulsionando a creação e o desenvolvimento das missões, — troços de soldados de Christo que, pelos mattos invios, se embrenhavam, com a palavra de Deus nos labios, caminhando serenamente para as provações de toda a sorte, para a tortura, para o martyrio, para a morte, — caçadores de almas pagãs, que, as vezes, depois de haverem subjugado o espirito do gentio com a doçura das suas lições, lhe subjugavam o corpo tambem, ao peso dos ferros do captiveiro... Mas, no Rei Magnanimo, o amor da religião consistia antes de tudo no amor do culto externo.

Para que se faça uma idéa precisa da veneração que D. João V tinha pelas cousas e pelos titulos da Egreja, e, ao mesmo tempo, para que se avalie bem o que era a riqueza de Minas, naquelle tempo, — basta dizer que Sua Magestade durante annos e annos chorou, por intermedio de embaixadas deslumbrantes, aos pés do papa Bento XIV, a supplicar-lhe,

para si e todos os seus descendentes, o titulo de Rei Fidelissimo,—esse mesmo titulo que ainda hoje condecora o gordo D. Carlos de Portugal e dos Algarves. Para conseguir isso, foi necessario engrossar prodigiosamente o dinheiro de S. Pedro, porque o papa só concedeu a-honraria tão ardentemente ambicionada a troco de *quatrocentos e cincoenta milhões de cruzados de ouro*, fornecidos todos pelo producto da mineração nas terras do Brazil.

Datam dessa era de fabulosa riqueza quasi todas as creações religiosas de Portugal: o convento de Mafra, a capella de S. Roque, a Patriarchal. Como o dinheiro chegava sempre e cada vez em maior abundancia, as construcções monumentaes começaram a levantar-se á farta, como o Aqueducto das Agoas Livres. No reinado de D. João V fundaram-se a Academia Real de Historia, o Hospital das Caldas, duas casas de armas, quatro bibliothecas, duas casas de cunhar moeda, fabricas de papel, de marroquins, de sedas, de vidros...

Emquanto isso,—o soffrimento, a tyrannia, a oppressão, o vexame cresciam na colonia. Cada milhão de cruzados de ouro que

ia para Portugal, representava o martyrio de milhares de indios, de negros, de brazileiros. E a nacionalidade nova começava a formar-se, entre lagrimas e chicotadas... As exigencias da Côrte, lá, augmentavam de dia para dia. E os capitães generaes-governadores augmentavam, aqui, na mesma proporção, os impostos acabrunhadores, as capitações impossiveis, multiplicando as cobranças dos quintos, e folgando em degredar e matar homens ricos, porque do confisco dos seus bens novos capitães brotavam.

E quando, em 31 de Julho de 1750, morreu esse rei, que foi o mais rico da terra, não se achou um vintem no erario real...

Naturalmente, essa mania de luxo religioso vinha prolongar-se e ser imitada em Villa-Rica, capital das Minas, a que Simão Ferreira Machado, na emphatica e preciosa *allocutoria* com que abre o folheto, chama «a nobilissima Villa Rica, mais que esfera da opulencia, teatro da religião, e sol a cujas luzes ficam sombras de todos os astros os esplendores.»

Livro destinado a vivo successo, interessantissimo como contribuição historica para o estudo da era colonial, seria aquelle em que, sob o titulo—*Deus na Capitania das Minas*—, um escriptor nacional estudasse o espirito religioso deste povo, na época da sua formação.

O povo reservava parte do ouro, que conseguia esconder á cupidez tyrannica de El-Rey, para as homenagens devidas ao Senhor, para as pompas com que a Fé triumphava nos templos, para os mantos recamados de pedras preciosas com que se cobriam as imagens sagradas. Era o alvorecer da Crença: aquella gente que soffria, que penava, que morria a trabalhar, com as costas acurvadas ao peso de um despotismo hediondo, refugiava-se na religião como num seio de consolo, de paz e de carinho. Crença primitiva, religião fetichista, fé ingenua, cheia de absurdos, —a tal ponto que, na mesma procissão do Triumpho Eucharistico, como se verá adiante, Venus, Saturno, Marte, Jupiter, o Sol e a Lua, appareciam ao lado de Nossa Senhora do Rosario, de S. Sebastião, de S. Benedicto, de Santo Antonio de Lisboa,— e tudo isso en-

tre danças de turcos, de allemães, de indios, de negros, de nymphas e de Cupidos...

Mas, de quantos sacrificios era aquelle povo capaz, para manter a pompa dessa Fé!

Em Ouro-Preto, a igreja de Santa Iphigenia foi edificada á custa das contribuições de escravos. Dizem que havia no logar uma capellinha humilde. Uma grande pia cheia de agua benta esperava á porta os fieis. As negras traziam as gaforinhas enormes cheias de ouro em pó. Chegavam á pia, lavavam nella a cabeça, e o ouro cahia... Com o metal assim recolhido, affirmam, foi construida a igreja actual...

Quem visita os templos das velhas cidades mineiras encontra, forrando as paredes, desenhos toscos, engraçadissimas télas, quadros adoraveis de ingenuidade.

Dá-lhes o povo o nome de *milagres*, porque elles celebram sempre intervenções miraculosas de santos e santas em tristezas, em misérias, em doenças humanas.

Lembro-me agora de dois desses quadros, que achei na antiquissima igreja de Sant'Anna, edificada um pouco abaixo da de S. João do Ouro Fino, em Ouro Preto,—dois preciosissimos documentos de arte e de religião.

Trata-se da commemoração de dois milagres, que a influencia sobrehumana da Senhora Sant'Anna causou na velha capital de Minas, ha cento e sessenta e dois annos (1732), quando invocada a mitigar o soffrimento de dois enfermos.

Para os doentes, para os cirurgiões e para o povo,—naquelle tempo em que uma fé inabalavel e simples deitava raizes fundas em todos os corações,—a medicina, por si só, nada valia. Quando o medico propinava ao doente a droga salvadora, era necessario, para que ella produzisse o effeito desejado, que Deus estivesse presidindo á sua administração, guiando com o seu influxo extra mundano a perspicacia e a sabedoria do clinico. A's mãos do cirurgião, a lanceta nada faria, se, invisivel, a mão de uma Senhora Milagrosa não a estivesse conduzindo, secundando a pericia do operador, sustando-lhe as hesitações, mantendo-lhe a segurança do pulso. De sorte que o cirurgião lavava, como precaução de fé, os seus instrumentos em agua benta, da mesma fórma por que os lava hoje, como precaução antiseptica, em agua phenicada.

E' preciso attender a que esses dois pe-

quenos quadros, humildes, na humildade da sua tosca moldura, representam o esforço, a gratidão, o sacrificio de dois pretos escravos e miseraveis. As tintas primitivas conservam-se ainda vivas e frescas, livres felizmente de restauração profanadora.

No primeiro, um cirurgião corta uma perna um preto. Dois ajudantes, trajados á moda da época, sostêm o corpo do paciente : um levanta-o pelas axillas, outros pelos pés. Ao lado, o operador, vestindo gibão de seda branca, calções de meia côr de perola, sapatos bicudos, e trazendo o cabello empoado, com rabicho,—pratica a amputação.

Ao fundo do quadro, apparece a Senhora Sant'Anna, entre nuvens, ensinando Jesus a ler.

Na parte inferior da téla ha a seguinte inscripção, que transcrevo textualmente, conservando com todo o rigor a orthographia e a pontuação:

«M. M. q' ffez a S. S. Anna, ahu preto Luis escravo de Luiz Pra. que quebrando húa perna pella Coixa e sendo Emcanada 3 vezes. sem denehúa soldar lhe abriu o Sy-

rorgião a perna e serrando-lhe as pontas dos ossos por entercessão do milagrosa S. se vio Sam. em 20 de 8bro de 1732 annos.»

A composição do segundo quadro é mais simples. No primeiro plano, um preto está deitado em um catre antigo, embrulhado em cobertas alvas. Os seus olhos, desmedidamente abertos, como em extase, contemplam ao fundo a mesma Senhora Sant'Anna que paira no ar, entre as mesmas nevoas, com o mesmo menino Jesus ao collo. Inscrição :

«Milagre que ffez a Sura. S. Anna A hú preto do Rdo. Manuel Mendes que Estando desemparado de medicos de um Istupor valeose da dita Sura. logo teve milhora e dahi por diente saude.»

Como esses, outros documentos abundam, innumerados, por todos os pontos de Minas, em S. João d'El-Rey, em Marianna, em Congonhas, em S. José d'El-Rey. Dos desta ultima cidade, conservo entre os meus apontamentos o dizer de um, mais recente que os que acima citei :

«M. M. q' f. Santa Rita a Maria q' Estando muinto mal de huma enfèrmidade grave por entercessão da d^a. Senr. alcansou saude com mta. milhora. na Era de 1747.»

Eram, ou pareciam ser tão communs os milagres, nesses tempos bemaventurados!....

Quantos delles são ainda hoje lembrados pela crença popular!

Em S. João d'El-Rey, na egreja de São Francisco de Assis,—estupendo templo romano, de admiraveis e altissimas torres cylindricas, de riquissima fachada de pedra azul esculpida,—ha um enorme Christo de madeira, de tamanho maior que o natural, e objecto de especialissimo culto, porque uma lenda, ha mais de cem annos transmittida de paes a filhos, ● cerca de uma nevoa encantadora de poesia e mysterio.

Diz-se que, quando a Ordem deliberou collocar nessa egreja uma imagem do Crucificado, apresentou-se-lhe um homem pobremente vestido a encarregar-se da tarefa.

Declarou desde logo apenas exigir que o deixassem trabalhar em paz, longe das vistas de todos. Para isso pedia uma casa isolada, em

que se fecharia com os materiaes necessarios, e duas vasilhas, uma com farinha e outra com agua. Aceitas essas condições, murou-se o mysterioso esculptor na sua mysteriosa officina. Os dias passaram-se. Da casa fechada nenhum rumor sahia. Amortalhava-a um silencio absoluto. Porfim, essa mudez começou de inquietar a população. A irmandade, impaciente, resolveu arrombar a porta da officina, afim de ter a explicação do mysterio. E o *milagre* se patenteou, irrecusavel e claro. No meio da sala, intactas nas vasilhas, conservavam-se a agua e a farinha. Fechadas as janellas, sem o menor signal de violencia; e o esculptor desapparecera... Mas, de pé, acabada e perfeita, a maravilhosa imagem esplendia, gigantesca, abrindo os grandes braços chagados sobre os curiosos que se prosternaram, feridos de assombro, e dalli se foram a propagar a noticia do estupendo caso.

Não ha em S. João d'El-Rey quem não conheça e repita esta tradição. E Antonio José Rodrigues, em umas notas de viagem, affirma: «dos livros da ordem não consta o pagamento do feitio da imagem e nem a maneira por que ella alli veio ter.»

Doces tempos ! tempos em que Deus, disfarçado, descia á terra e communicava directamente com os crentes ! Deus, para os soffredores de então, não tinha a antiga catadura má do Senhor de Israel. Os fieis, quando se dirigiam a elle, não se humilhavam, com a face rebelcada no pó, e os olhos cegos de medo : falavam-lhe com familiaridade e amor, como a um pai condescendente, de perdão facil, de autoridade pouco exigente.

Com a Virgem Maria, com os Santos, com os Anjos, a intimidade era ainda maior. E Simão Ferreira Machado, dedicando o seu folheto, hoje rarissimo, á Soberana Senhora do Rozario, dirige-se a ella nestes amistosos e affabilissimos termos :

« Daquelle affecto, com que veneramos a vossa Soberana Magestade, (o qual com humilde reconhecimento confessamos sem explicação inferior á nossa divida de innumeraveis e singularissimos beneficios vossos), se derivaram aquelles jubilos de alegria, com que vimos a magnifica e honorifica festividade em honra de vosso Santissimo Filho e Senhor Nosso.....»

O folheto de Simão Ferreira Machado intitula-se *Triumpho Eucharistico, exemplar da Christandade Luzitana em publica exaltação da fé na Solemne trasladação do Divinissimo Sacramento da Egreja da Senhora do Rosario para um novo templo da Senhora do Pilar, em Villa Rica, côrte da Capitania das Minas, aos 24 de Maio de 1733.*

A publicação foi feita por encommenda dos Irmãos pretos do Rosario, em Lisboa, na Officina da musica, e traz a data de 1734.

Frei Antonio de Santa Maria, da Sagrada Familia dos Agostinhos Descalços e Qualificador do Santo Officio, num estylo tão complicado e tão gongorico como o de Simão Machado, autorisou a impressão do folheto, «não só porque não contém cousa em que se possa temer que a fé perigue e os bons costumes se pervertam, mas porque será um clarim da fama que faça estremecer o universo assombrado da generosa piedade e prodiga magnificencia dos portuguezes, com que em todas as partes do mundo tributam cultos e rendem adorações ao Divinissimo Sacramento.»

Toda a obra, como se depreheende logo do titulo, não é mais do que a descripção das festas com que se transportou uma imagem de um templo para outro. E' difficil, senão impossivel, resumir as dezoito paginas dilatadas, em que se espraia, como um mar, a prosa fantastica de Simão Machado, atulhada de repetições, de periphrases, de transposições. Mas é necessario dar do livro uma idéa, por pallida que seja, para que se imagine o que foi essa assombrosa procissão, cuja organização lembra tantas vezes a dos nossos prestitos carnavalescos de hoje, e diante de cujo esplendor nada são as procissões religiosas dos nossos dias.

Para a tarde de 24 de Maio estava marcada a solemnidade. Mas, desde fins de Abril, Villa Rica começou a delirar. Bandos de mascaras, jocosos e cabriolantes, se despencavam todos os dias pelas ladeiras da cidade, ao som de adufes e trompas. A 3 de Maio, duas grandes bandeiras allegoricas de damasco e ouro se plantaram em frente aos dois templos. Seis dias de luminarias precederam a festa. E dá

gosto ver o espanto ingenuo com que Simão admira a profusão dessas luzes : «houve luminarias geraes em toda a villa até o bairro do padre Faria, ultimo idoneo para dilatar nessas noites ás luzes o dominio das trevas.» No morro de Paschoal da Silva, «nas casas dos moradores as luzes, que mostravam aos juizes o centro da opulencia, por sua altura, como na região das nuvens, pareciam aos olhos luminarias do céu.» Toda Villa Rica resplandecia ataviada. Pelas janellas, grande pompa de damascos e sedas fulgurava, «e exquisitos labores entre ouro e prata, tremolando as idéas do Oriente troféos á opulencia do Occidente.» Cinco arcos e varios altares se levantaram : e um dos arcos era todo de cera virgem. Flores e folhas alcatifavam as ruas. E foi no meio de anciedade geral que o dia 23 chegou, mas frio e horrivel, alagado de chuvas torrenciaes. Mas, como esse dia era um sabbado, dia de Nossa Senhora, Simão Ferreira Machado, com uma boa fé tocante, attribue esse contratempo natural a um proposito da divina Providencia, porque, diz elle, Nossa Senhora quiz que a festa se realizasse não no dia della, sabbado, mas no dia de seu Filho,

domingo. E dada esta explicação, entra logo a descrever o prestito.

Abriam-no tres dansas: a primeira de turcos e christãos, em numero de trinta e dois, militarmente vestidos; a segunda de romeiros, e a terceira de musicos, cujos instrumentos enchiam o ar de harmonias. E logo depois, vinham os quatro Ventos, «vestidos á tragica»: Oeste, Sul, Norte e Leste, que montavam cavallos castanhos escuros, mosqueados de branco, com arreios de pregarias de prata e passamanes de ouro, e trajavam capillares de sêda branca, manguitos de cambaia, fraldões côr de rosa, grandes caraminholas de tisso com diamantes á cabeça, rematadas por cocar de plumas.

A Fama, toucada de diamantes e plumas, recamada de franjas de ouro, calçando borzequins vermelhos, vinha depois delles, e sustinha á mão, pendente de uma haste acabada em cruz, um estandarte em que se lia, por baixo da Arca e de uma Custodia, o disticho: *Eucharistia in traslatione victrix*: e a seu lado, pagens, com azas nas costas, nos chapéos e nos pés, agitavam caducêos, e distribuiam ao povo «elegantissimos poemas».

Um allemão, trajado á Castelhana, de veludo rôxo, sobre um cavallo russo, tocava trombeta, e oito negros « vestidos por galante estilo, » tocavam charamellas. E, precedida de seu pagem, apparecia a grande figura do bairro de Ouro Preto, toda coberta de ouro e pedrarias, com uma salva de prata na mão e dentro della um pequeno morro do mesmo metal. O cavallo que sostinha o peso dessa extraordinaria figura, fulgia, como ella, ajaesado com tal luxo, que Simão, commovido, escreve: « Houve opiniões que deram ao cavallo muito mais melhoria que á figura; mas era gosto dos olhos contra as verdades da natureza. »

Nova marcha de pagens escoltava Ouro Preto. E, agora, a multidão pasmava, contemplando os sete Planetas, que surgiam, « offerecendo aos grupos as memorias da antiguidade, aos olhos uma variedade magestosa. »

A Lua, precedida de nymphas, que vestiam de azul, trazia á cabeça um turbante, bordado de estrellas, ás costas aljava, arco e settas, e « todo o seu peito era uma campina de perolas. »

Marte, cujos arautos, vestidos á mourisca, tocavam pifanos e caixas de guerra, vinha com

capacete e escudo de prata, e armadura em que varias joias se engastavam; e os seus pagens, armados em guerra, carregavam escopetas ricas, de lavoires preciosos.

Mercurio, com peruca branca, trajava um vestuario complicado, que só o proprio estylo de Simão pôde descrever.

E eis alli vinha, precedido das Estrellas da alva e da tarde, «figura entre todas mais bella na magestade de rei,» o Sol, «vestido de luz tremula e cambiante em canotilhos,» com uma enorme cabelleira de fio de ouro, peito de tisso de fogo, empunhando uma harpa estrellada, e montado sobre um cavallo de cuja cabeça sahia uma grande ponta de unicornio. E vinham-lhe ás estribeiras seis pagens, «mulatinhos de gentil disposição.»

Seguia-se Jupiter, com sceptro e escudo sobre um carro triumphal, que duas aguías coroadas puchavam, e sobre cujas rodas havia pintados os signos de *pisces* e de *sagittarius*.

Venus, que «representava no rosto e realçava no ornato aquella formusura de que seu nome se encarece,» surgia de entre flores, num carro em feitio de concha, entre nuvens de Cupidos.

Saturno, precedido de soldados romanos e estrellas, «representava no rosto homem velho, de funebre aspecto.» A' mão direita, trazia uma foice, e, á esquerda, «um escudo dourado com o character astronomico;» e ostentava aos hombros duas pavorosas carrancas de papelão pintado; o seu cavallo, ajaezado de prata e velludo, sacudia á cabeça um rico martinete de plumas azues e brancas.

Neste ponto se suspendia o prestito mythologico. «Nelle, diz Simão Machado, se adorava o fingimento da antiga idolatria, e era glorioso triumpho do Eucharistico Sacramento.»

Caminhava agora, sobérana, a figura da Igreja Matriz, recoberta de galas, de setins, de flores e estrellas de joalheria. Embracava um escudo, onde, em campo de ouro, se via o desenho da igreja, com a lettra—*Hæc est domus Domini firmiter edificato*. A' sua mão direita, ondulava um largo estandarte branco, em que, sob a imagem da Senhora do Pilar, se lia: *Ego dilecto meo*. E quatro pagens vestidos de branco lhe seguiam o passo. Um Castelhana tocava gaita; um «moleque» tocava tambor; quatro negros, em cavallos brancos ajaezados

de berne, faziam estrugir formidaveis trombetas de que pendiam bandeiras.

E o guião da Irmandade do Santissimo apparecia. Seguindo-o, atropellavam-se as Irmandades, em filas cerradas, com os respectivos padroeiros e padroeiras, em andores: Pardos da Capella do Sr. S. Joseph, Senhora do Rosario dos Pretos, Santo Antonio Catalagirona, S. Benedicto, Santo Antonio de Lisboa, S. Vicente Ferreira, S. Gonçalo de Amarante, Almas e S. Miguel, Terço dos Brancos, Senhora da Conceição, Patriarcha S. Pedro, e outras.

Vinha depois «um sequito de nobres moradores da villa,» cercando S. Sebastião.

Agora, um arco-iris vivo se desenrolava offuscante, e eram dalmaticas de sêda, casulas, manipulos, estolas de damasco, alvas e capas de asperge; e todo o clero da villa passava, precedido de anjos «vestidos á tragica,» que espalhavam flores sobre o povo. Atraz do pallio de sêda carmezim, vinha o Conde das Galvêas, Capitão-General das Minas, seguido de toda a «Nobreza litteraria.» E, fechando o prestito, a Companhia de Dragões de El-Rey dava descargas de mosquetaria.

Como dar na prosa pallida desta chronica uma impressão viva das riquezas que Simão Ferreira Machado descreve? Basta dizer que nas dezoito paginas do folheto, duzentas e tantas vezes se escreve a palavra — ouro...

Sermões, repiques de sinos, *Te-Deum*, cavalhadas, banquetes, touradas, comedias, danças, e folguedos varios se celebraram, por tres dias consecutivos. Longamente descreve a chronica de Simão essas festas maravilhosas. Mas limitar-me-ei a transcrever a descripção do fogo de artificio com que se fechou o cyclo dos espectaculos commemorativos. Pasmem os artistas da pyrotechnia moderna, diante desse assombroso fogo, que Simão exalça em varios periodos admiradissimos. Foi um Diogo Soares da Companhia de Jesus quem o ideou e executou, no intervallo de duas predicas:

«Uma planta em qua lro chamada Jardim, de oitenta e cinco palmos cada face; nos quatro cantos quatro castellos triangulares de resalto sacados para fóra de quinze palmos cada face; que com oitenta e cinco de cada angulo do quadro faziam cento e quinze cada face do

Jardim; em cada Castello por remate uma figura humana, guarnecida de fogo; dentro do primeiro quadro outro de sessenta palmos cada face; nos cantos quatro arvores de candêas: dentro deste se fez terceiro quadro de trinta palmos cada face; no meio uma fonte: as faces de todos os tres quadros guarnecidos de rodinhas, candeias, morteiros e gyrandolas: todo o circuito desta fabrica guarnecido de linhagem pintada de pedra. Houve mais toda a noite copioso fogo de espadas de varias formas, montantes e diversidade de foguetes; o que fez grande abundancia do liberal dispendio.»



NOVELLAS



AS NOITES DE JACQUES

NO TIETÉ

PAGINA DO DIARIO INTIMO DE JACQUES

BELLA infiel, que voltas a tentar-me com o mesmo sorriso que engana tanto e com os mesmos olhos que já me perderam! a tua carta ultima, cheia dos mesmos juramentos que ha oito annos me fazias, veiu recordar-me uma pagina triste do nosso velho amor, tantas vezes acabado pela tua ingratiidão, e tantas vezes recommçado pela minha loucura...

Se queres, lembremo-nos juntos. A tua casa ficava dentro de uma teia cheirosa de jasmineiros em flor,—não tão longe da cidade que a tua belleza leviana ficasse privada de palco, nem tão perto della que o barulho da multidão viesse brutalmente interromper a mu-

sica dos nossos beijos. Do pequenino portão rustico, que desaparecia sob a nevoa perfumada dos jasmims, um caminho estreito descia para o Tieté que corria perto, profundo e claro, espreguiçando-se sobre seixos esverdeados entre arcarias de vegetação,—bambuaes chorando longamente ao vento da tarde, galhadas verdes pendendo pensativamente para o curso da agua. Foi nessa casa que a tua primeira infidelidade me apunhalou: lembraste? a tua bocca ainda estava cheia de beijos meus, quando a entregaste a outros beijos...

E eu vi aquillo,—eu vi!—, como quem vê abrir-se a propria sepultura.

Pelo caminho estreito, que partia do pequenino portão coberto de jasmims, entre as arvores que tinham visto o desabrochar da minha fê, vim trazendo o meu desengano e o meu desespero, mordendo os punhos, sem uma lagrima, sem um pensamento, bestializado pela minha agonia, indo de tronco em tronco, aos encontrões, como um bebedor. Tres dias longos e tres noites,—ah! as noites, principalmente, como foram longas, sem o calor da tua carne moça no meu leito!—vivi soffrendo e maldizendo-te...

Ao cabo desse tempo, uma paz suavissima me encheu o coração.

Tive-o como a casa em que morreu uma pessoa amada, depois de sahido o enterro: callara-se o ultimo lamento dos que ficavam orphãos do carinho morto, e o que havia agora era um silencio triste, primeiro signal da resignação e do consolo.

Depois, cheguei a rir da minha dor: e ella desapareceu de todo, estrangulada pelo meu orgulho de homem. Quiz então castigarte com o espectaculo da minha indiferença, e fui fazer-te a minha ultima visita.

Mal entrei, fiquei preso nos teus braços. Não vi nada, não ouvi nada, não disse nada, porque uma chuva de beijos me cobriu, tapan-do-me a bocca e os olhos, estonteando-me. Sem força, os meus braços pelejavam por afastar-te. Sem força, a minha bocca procurava morder-te. E, ai! de mim! só podiam abraçar-te e beijar-te os meus braços e a minha bocca!

Depois ficaste sorrindo, triumphalmente posta diante de mim, com uma irradiação de

orgulho na face, com os seios duros furando a renda do corpete, uma desenvoltura, uma expressão de soberano desafio na figura. E disseste :

— Não viste nada. Amo-te !

— Vi tudo !—clamei eu, como um louco—vi-te nos braços de um homem, beijando-o na barba, como uma rameira !

— Amo-te ! Não viste nada !

— Vi-te, com os seios nús, esmagados pela sua mão brutal ! vi-te, torcida de voluptia, desmaiada de amor...

— Não viste nada ! amo-te !

— Vi-te, com olhos mortos de gozo e a garganta cheia de gemidos !...

— Amo-te ! não viste nada ! não viste nada ! amo-te ! amo-te !

— Não vi nada ! não vi nada ! não vi nada ! —e caí de joelhos, e arrastei-me no chão, e beijei a barra do teu vestido, e confundi a minha carne com a tua.

Anoitecia. O clarão da lua cheia entrava pela janella, espiando a nossa loucura. E o rumor dos nossos beijos transbordava, para a noite serena.

D'ahi a pouco, — lembras-te? — sahimos a passeiar ao luar a nossa reconciliação e a minha deshonra feliz. E, enlaçados, eu apertava estreitamente o teu corpo, como se o quisesse metter dentro do meu, para guardal-o por toda a vida.

Pelas ramagens do caminho escorria o luar. E a tua face pallida, á claridade viva, brilhava num sorriso de sarcasmo. Que importava? eu era como um convalescente, que renascia para a vida, depois de haver batido ás portas da morte: a delicia de viver afogava dentro de mim toda a recordação, toda a suspeita, todo o pensamento máo: eu me agarrava á tua mentira, desesperadamente, e mentia tambem a mim mesmo. Não tinha visto nada! não tinha visto nada!

Fomos até a beira do rio: quantas vezes já, por noites assim, fomos ver a agua correr, arrufada ao luar! Sentámo-nos juntos, na herva fresca, banhados pelo deslumbramento da noite. E a poesia dessa noite embriagadora entrou em nós, possuiu-nos, dominou-nos, venceu-te: porque até mesmo dentro da tua alma tão má ella suffocou a tua maldade. Não mentiam áquella hora os teus olhos, que um

véo claro de lagrimas cobria; não mentiam áquella hora os teus labios, tremulos e doces, palpitando aos meus beijos! — e com que abundancia de coração, com que sinceridade, com que certeza de que procedia bem te perdoei então! Minha alma sahia de mim, cobria-te toda como um pallio, e o meu perdão e a minha benção te santificavam...

De repente, uma queixa longinqua soou. Era uma toada triste que se aproximava: distinguia-se a voz de um violão, descendo o rio, chorando. Vimos o vulto de uma canôa, ao longe.

Sempre abraçados, prestámos o ouvido á musica magoada. Acompanhando o violão, uma voz preludiou, no silencio da natureza, o quebro de uma cantiga popular.

A canôa descia lentamente, ao gosto da corrente. E a voz cantou:

« Perdi a credulidade
Que tão captivo me fez... »

Lembras-te de como os meus braços tremeram em torno á tua cintura?

A voz repetiu mais proxima :

« Perdi a credulidade
Que tão captivo me fez... »

E, já em frente de nós, da canoa que oscillava ao luar, a ultima nota da trova sahiu, clara e alta, horrivelmente clara para mim, acordando todo o meu ciume :

« Para quem ama é bastante
Ser enganado uma vez ! »

Recordo-me apenas de que me separei de ti com um empurrão brutal, e desatei a fugir, a correr, a voar, com o inferno no coração, outra vez desesperado, outra vez louco, outra vez meio morto de dor e de raiva.

Oh ! carne miseravel ! para que fugiste, se tinhas de voltar no dia seguinte, já de novo perdoando, já de novo esquecendo, já de novo aceitando, feliz, a deshonra de um amor que não era unicamente teu ?...

Não ! para quem ama não é bastante ser enganado nem uma, nem dez, nem mil vezes !

E a prova disso, bella infiel que voltas a tentar-me com o mesmo sorriso que engana tanto, e com os mesmos olhos que já me perderam,— a prova disso é que, ainda hoje, a tua carta me enche os olhos de lagrimas e a carne de desejos, depois de oito annos de ausencia, durante os quaes o teu amor tem andado de amante em amante, como uma moeda vulgar, ao azar das transações, circulando de mão em mão !



NO HOSPITAL

A que proposito me vem agora esta recordação?—disse Jacques.

Estavamos sós, no gabinete de trabalho. Chovia lá fóra. Chuva miuda e triste.

Elle, do fundo da sua poltrona, cofiava a barba, com a mão branca e fina, de tysico. Uma vaga melancolia pesava no gabinete, entre as estantes altas, de jacarandá, e os reposteiros de seda escura.

—E' curioso! Começa a gente a pensar numa coisa, e dahi a pouco é outra, inteiramente outra, a que se impõe á meditação...

E contou isto, com a sua doce e quebrada voz de doente :

«Foi, creio, em 1883. Estudava eu medicina, praticando, como interno supranumerario, nas enfermarias da Misericordia. Faltou um dia ao serviço o interno effectivo de uma das enfermarias de cirurgia. Fui designado para substituil-o. E, justamente, o professor que dirigia a clinica nessa enfermaria teve de praticar em um enfermo uma operação de certa gravidade. Tratava-se, bem me recordo, da ablação de um largo trecho do maxillar inferior, roído pela carie. O doente era um caboclo reforçado, um bello exemplar de homem, face bronzeada, cabellos corridos e negros, olhos pequenos, cujo brilho singular e fixo perturbava. Tinha uma lesão cardiaca. Essa lesão, e, mais, o facto de carecer a operação de ser feita em uma posição incommoda, devendo o sangue encher a bocca do paciente, tapando-lhe a garganta—impediam que se procedesse á chloroformisação prévia.

De modo que a horrivel cousa, cujos por menores e incidentes me estão ainda hoje dolorosamente gravados na memoria, teve de ser supportada pelo desgraçado, em perfeita e consciente vigilia, com todos os nervos em sensibilidade completa... Foi medonho! Du-

rante hora e meia, assisti ao espectáculo da mais bella, da mais admiravel, da mais incrível coragem que um homem pôde mostrar ! Estendido a fio comprido sobre uma mesa, com as pernas e os braços contidos pelos ajudantes, o doente tinha apenas, por todo o corpo, um tremor continuo, ininterrompido, uma agitação de toda a pelle. Os seus olhos, pequenos e faiscantes como dois carbunculos, não se fecharam nunca : durante hora e meia, fixos, terrivelmente fixos, brilharam seccos, sem uma lagrima ..

Primeiro, foi o bisturi que rasgou a pelle, os musculos, pondo a descoberto o osso que a carie comia. Depois, as pinças hemostaticas que apertaram as extremidades toradas de arterias. Depois, o serrote que começou a ranger no osso, com um barulho que nos dava a todos arrepios de terror. Depois, o curativo. E, do começo ao fim, os olhos do caboclo rutilavam, sinistramente abertos, e todo o seu corpo tremia de leve sob as nossas mãos, sacudido pela dor que aquella carne padecia e pelo esforço sobrehumano que continha aquelle espirito...

Quando transportado para o leito, na enfermaria, fecharam-se-lhe os olhos. Adorme-

ceu. Passava de meio-dia. Só tornei a vel-o, á meia noite, quando, chegada a hora do meu quarto, me vieram acordar para que eu fosse substituir o primeiro interno.

Oh! a sinistra, a indescrível viagem, á meia noite, por vinte corredores sem fim, de chão lustroso e escorregadio, — só, estremunhado ainda de somno, passando por portas negras de enfermarias, frouxamente allumiadas por lampadas oscillantes, — só, dentro daquella immensidade escura, como dentro de um tunnel de sonho, povoado de gemidos, de soluços, de estertores de febre, de sons incoherentes e vagos, de barulhos de tosse, e cheio de um cheiro indefinivel, mixto, de acido phenico, de podridão, de suor de agonia!...

Depois, a vigilia. Na enfermaria quasi sem luz, numa penumbra em que os vultos das camas regularmente alinhadas mal se distinguem, uma mesa pequena, posta junto da cama do operado. Sobre a mesa, fios, pinças, pulverisadores de Lister, frascos pequenos

com acido phenico e per-chlorureto de ferro. Uma vela, uma garrafa de vinho do Porto, botijas de remedios, poções calmantes; e, á mão, entre todos esses petrechos, o thermometro.

Approximei-me da cama; inclinei-me para o doente.

Dormia. Uma respiração irregular, entrecortada, lhe levantava e abaixava intermitentemente o peito. Ardia-lhe a pelle, queimada de febre. Tomei-lhe a temperatura, registrei-a na papeleta, e accendendo a vela, sentei-me em frente á mesa, e tentei ler um livro que levára commigo.

Começou então a escoar-se o tempo mais longo por que tenho passado na minha vida. A chamma da vela, agitando-se levemente, abria em torno da mesa um circulo de claridade: fóra delle a escuridão da enfermaria augmentava pelo contraste. Naquella enorme sala, altissima, communicando, adiante e atraz de mim, com outras salas, o menor barulho tomava proporções estranhas, exagerando-se, allucinando-me. E os meus olhos, afundando-se na extensão das salas que se succediam, avistavam um sem numero de lampadas mortijas,

tremendo, tremendo numa longa fila, que a vista perdia por fim. D'ahi a pouco, aquelle meio apavorante me havia dominado. Passavam pela escuridão relampagos vagos, como de sudarios brancos voando. Os rumores confusos de tosse, de gemidos, de respirações agonisadas, tomavam corpo, avultavam, entravam-me pelo ouvido, martellando-me o cerebro.

A morte estava alli perto de mim. E eu sentia o seu halito gelado bafejar-me a nuca: e tinha a certeza absoluta, precisa, inilludivel, de que me bastaria voltar a cabeça, para vel-a...

Nesse momento, senti que o operado se agitava no leito. Tive um suspiro de allivio, abençoando aquelle movimento, que me arrancava das mãos do terror. Levantei-me e encostei-me á cama, com a vela accessa em punho. O desgraçado acordara. E a primeira cousa que vi foram os seus olhos, os seus mesmos olhos de durante a operação, abertos, horriavelmente abertos, fixos em mim.

Só então, comprehendí o que elles queriam dizer de manhã, quando os bisturis rangiam sobre a carne ensanguentada, e o que me estavam dizendo naquelle instante.

Havia nesses olhos, cheios de um clarão sinistro, um tal desprezo pela dor, um tal nojo da vida, uma tão absoluta serenidade diante da morte, que admirei esse homem extraordinário,—como nunca mais hei de admirar ninguém...

Tomei-lhe a temperatura. A febre baixara. Mas a respiração era difficil. E alguma cousa, não sei o que, me incutiu no espirito a convicção de que elle ia morrer. E os seus olhos me fitavam sempre... Dei-lhe uma colher da poção, cheguei a minha face até perto da sua, fallei-lhe carinhosamente, com a voz quasi soluçando, como se falla a um irmão que vai morrer.. Elle olhava-me sempre, como quem quer fallar e não póde, como quem precisa dizer uma cousa que está enchendo a alma e não póde passar da garganta. Ao cabo de algum tempo, cerrou as palpebras... Adormeceu, ou pareceu adormecer de novo.

Voltei para a minha mesa.

Então, mais calmo, fortificado pelo nobre espectaculo daquella nobre coragem, começava eu a ler, quando um rumor, differente dos outros que haviam até então povoado a enfer-

maria, me chamou a atenção. Era um como arrastar de sandalias, acompanhado de um cicio brando... E, olhando para a frente, vi que longe, muito longe, na escuridão da ultima sala, balançava-se uma luz, quasi ao nivel do chão. De quando em quando, sumia-se a luz e cessava o rumor. Depois, apparecia ella mais proxima, e ouvia-se mais distinctamente o arrastar de sandalias e o cicio de prece. Era uma irmã de caridade que, com a sua lanterna, fazia a ronda nocturna.

Quando entrou na minha enfermaria, parou junto de mim, informou-se do operado. Chegamos-nos a elle. Acordara outra vez. Agora a respiração era angustiada, estertorosa. E os seus olhos abertos, terrivelmente abertos, iam da minha face á face da irmã...

Boa irmã! sem dizer uma palavra, tinha comprehendido como eu. Olhou-me, sorriu tristemente, e, tirando do pescoço o seu pequeno crucifixo de ebano, mettu-o nas mãos do moribundo. Elle abriu ainda mais os olhos; teve um arranco supremo de todo o corpo na cama, e ficou immovel.

Estava morto.

De joelhos, a irmã rezava. E, antes que, terminada a prece, ella se levantasse para lhe cerrar as palpebras, eu encostei os meus olhos aos olhos do morto, para nelles de perto ler a sublime e inolvidavel lição que me davam, o segredo do animo inalteravel, da coragem soberana e terrivel, com que esse homem sereno,—durante a operação, soffrendo dores inconcebiveis, e durante a agonia, sentindo dentro de si o despedaçamento de toda a alma,—olhava impassivelmente para a morte, desprezando as miserias e as torturas da vida...»



A CANNABINA

COMO a conversação, depois de haver borboleteado de assumpto em assumpto, durante esse jantar de refinados, tivesse cahido afinal em Baudelaire e nos seus *Paraizos artificiaes*, — Jacques, que aos trinta annos de idade já tem experimentado todos os prazeres e provado todos os desgostos, disse, accendendo o segundo charuto e enchendo o segundo calice de chartreuse verde :

— Pois affirmo-lhes eu, com conhecimento de causa, que a embriaguez do opio não tem nenhum dos encantos que lhe attribue Baudelaire...

— Oh ! desgraçado ! pois até já tomaste

hatchisch?—indagou um de nós, com alguma incredulidade.

— Propriamente hatchisch não tomei: tomei cousa melhor...

E relatou-nos isto :

«Foi ha pouco tempo. Estava eu morrendo de tédio, numa cidade do norte.

Toda a solidão daquellas ruas muito direitas, muito largas e muito vacias me havia entrado na alma. Como eu me aborrecia, meus amigos! E imaginem que, por esse tempo, toda esta pobre maquina do meu corpo estava desarranjada e pêrra...

Pesava-me a vida como um fardo horrivel.

Nunca tão grave, nunca tão desesperadora, me atormentara a singular doença nervosa, de que soffro ha tanto tempo, e que me fazia ficar semanas inteiras sem dormir, com o corpo quebrado, todo o organismo vibrando dolorosamente ao menor choque, á menor contrariedade, á menor emoção.

Cheguei a ter odio á minha casa, áquella casa immensa e deserta, entre cujas paredes se arrastavam longas, terrivelmente longas, as minhas noites de insomnia.

Era um casarão sinistro. O meu quarto tinha janellas para o mar, um mar bravio sempre, estourando contra pedras brutas, com uma cantilena monotona. Quando se aggravavam as minhas allucinações de ouvido, esse barulho de aguas revoltas crescia, rodeava-me, sitiava-me. Parecia-me estar a bordo de um navio. O quarto girava. As paredes subiam e desciam. E nauseas de enjôo me cresciam do estomago.

Desesperado, preferi passar as noites a vagar de rua em rua, sem destino: e ainda hoje me lembro com pavor desses passeios nocturnos por uma cidade morta, ora á claridade do luar que escorria pelas casas como um banho de prata viva, ora ao clarão tremulo dos candieiros de azeite, pendurados de ganchos de ferro, rangendo lugubrememente ao mais fraco sopro de vento...

Um dia, um medico meu amigo aconselhou-me o uso do opio.

Protestei que seria inutil: a morphina, o laudano, tinham sido impotentes, — deixavam-me o corpo despedaçado, a lingua amargosa, a cabeça apúada de dores, e a alma acordada, no mesmo soffrimento e na mesma agonia. Elle, então, receitou-me um novo preparado...

Não o conhecem vocês, com certeza: é o tannato de cannabina. A canabina é o alcaloide que se extrahê do hatchisch, da *cannabis indica*.

Recebi esperançado, das mãos do pharmaceutico, a salvadora caixinha redonda, sentindo, com delicia, mexerem-se dentro della, no pó avermelhado, as doze pilulas consoladoras, pequeninas, escuras, molles, de uma côr de bronze azinhavrado.

O pharmaceutico, sollicito, recommendou-me com ares mysteriosos que não tomasse, em caso algum, mais de duas pilulas. Mas, já eu o não ouvia...

Esperêi a noite com uma anciedade grande. A's 10 horas tomei duas pilulas, dei-tei-me, e, abrindo um livro qualquer, chamei o somno.

Não lhes posso dizer com certeza que livro era. Devia ser o *D. Quichote*. Sei apenas que a leitura me interessou, e que, embebido nella, me despreocupeï de tudo.

Ao cabo de algum tempo, olhei para o relógio.

Correra uma hora. Nenhum effeito. O cerebro claro, fresco : nenhum desejo de somno.

Sorri, com desdem, do poder do narcotico, e enguli corajosamente mais tres pilulas e dali a um quarto de hora uma outra.

Não posso dizer se ainda gosava do pleno uso da razão, quando tomei essa quarta pilula. Quero crer que não : não sei mesmo como consegui voltar á cama.

Doia-me a cabeça allucinadoramente. Estalava-me no ouvido o barulho do mar quebrando-se de encontro aos rochedos. E não sei se acharei palavras para lhes referir o que principiou então a passar-se em mim...»

Jacques esvasiou o seu calice de chartreuse. Nós todos ouviamos, calados e ansiosos. Elle, com a voz um pouco tremula, continuou :

«Foi uma cousa horrivel, sobrehumana, inenarravel, — prolongada por toda a noite. Eu não dormia, mas não estava acordado. Dentro do meu corpo havia uma alma que sentia, que pensava : mas, — como hei de eu explicar isto? — não era a minha verdadeira

alma, porque essa eu a sentia fora de mim, divorciada do meu corpo, pairando sobre elle, nelle querendo reentrar e não podendo! — Sabem vocês o que se passa, alguns momentos depois da morte, segundo os espiritas? Dizem os espiritas que a alma, abandonando o corpo, não se afasta d'elle, e, enquanto não se faz o enterro, fica errando em derredor do despojo carnal desprezado. Era talvez isso o que eu sentia... Mas, não! não era isso, porque, além da minh'alma que pairava fóra, havia uma outra que permanecia no corpo, soffrendo e chorando...

Vejamos... Eu tinha consciencia de que estava deitado, de costas sobre a cama: apalpava-me, sentia o calor da minha carne, a pulsação das minhas arterias, sabia que não estava sonhando... Doia-me a cabeça cada vez mais: era como se, estando ella apertada entre duas barras de aço, a fossem pouco a pouco esmiçalhando, amassando, triturando. Eu sentia tudo isso: logo a minh'alma estava alli. Mas que outra alma era aquella, tambem minha, que estava fóra da carne e dividida entre dous sentimentos oppostos: a mágua de não poder entrar no corpo que era seu, e a delicia de não

poder estar soffrendo o que esse corpo soffria?...

Quanto tempo durou isso, não lhes posso dizer : deve ter durado seculos. Quantos? um, cem, mil, uma eternidade...

Depois, senti que acabara o desdobramento da minha personalidade. Estava outra vez com um só espirito. O corpo continuava a soffrer, a soffrer indizivelmente. E a alma, outra vez una, outra vez indivisivel, adquiriu uma acuidade, uma perfeição, uma clareza de memoria sobrenaturaes. Recapitulei toda a minha vida. de dia em dia, de hora em hora. Lembrei-me até de quédas que dei, quando tinha um anno de idade. Assisti mesmo á scena do meu nascimento... E como me doía o remorso dos menores crimes commettidos, das mais insignificantes injustiças praticadas! — Tudo isso se passava em absoluto, em perfeito estado de vigilia. Eu via arder, debaixo do globo azul, a chamma da minha lampada de petroleo; via agitarem-se á janella as cortinas brancas; ouvia o tic-tac do relógio sobre a mesa... E vi o dia romper lá fóra, como uma meia luz tenue a principio, depois como uma claridade viclenta que me poz no quarto, atra-

vessada de parede a parede, uma larga faixa côm de ouro, em que dansavam milhões de milhões de atomos de poeira afogueiada... Foi então que dormi; somno bruto, somno de pedra, somno de morte, por dez horas a fio...

O mais curioso (concluiu Jacques, depois de uma pequena pausa) é que o abalo produzido por essa noite no meu organismo foi tão forte, tão brutal, que me restituiu a saúde: equilibrou-me os nervos e livrou-me da insomnia. De modo que a cannabina me curou, não pelo bem, mas pelo mal que me fez...»

Houve um momento de silencio. Um de nós disse: — Mas isso nada prova... Você sofreu assim, porque o excitante encontrou mal preparado o terreno em que devia operar. Está hoje provado que o hatchisch nada mais faz do que exacerbar o estado normal do individuo: dá mais alegria a quem é naturalmente alegre, e mais tristeza a quem é naturalmente triste...»

— Póde ser! retorquiu Jacques. Mas aconselho-lhes que não experimentem. Demais sabem quem tem razão? E' Balzac, que, apesar

de fazer parte de um club de bebedores de hatchisch, nunca bebeu a droga — porque (dizia elle) o homem que voluntariamente se despoja do mais bello attributo humano—a vontade,—deve ser, na escala animal, collocado abaixo do caramujo e da lesma... E vamos nos embora, que é meia-noite!

.



O SONHO

UM de nós, discreteando sobre este particular de sonhos e pesadelos, dissera :

— Mas, não ha duvida... Os successos do sonho prendem-se sempre a um successo da vida real. As cellulas cerebraes guardam impressões adormecidas por tempo indefinido. A um momento dado, essas impressões despertam, revivem, quando o somno chega, e ahi estão ellas constituindo o sonho. Eu, por exemplo, sonhei um dia que era Christo. Espantei-me, ao despertar... No entanto, nada mais natural. E' que, pouco antes de dormir, estivera conversando com o Dr. Maximiano Marques de Carvalho, e (por mais absurdo que isto possa parecer a vocês) cheguei, reflectindo

sobre o meu sonho, a reconstruir a associação de idéas sobre cujas azas fui da ampla sobrecasaca desse medico é tunica inconsutil do Nazareno...

Ouvindo isto, Jacques encolheu os hombros. E disse-nos gravemente :

— Tolices... Sem querer imitar Hamlet, digo-lhes eu que na terra e no céu ha cousas mais complicadas do que as que as que sonha a nossa vã physiologia... Ora, digam-me com franqueza: suppõem vocês que haja uma possível associação de idéas entre um leitão assado e este amigo que lhes está fallando?.,. Não riam... Fallo-lhes com toda a seriedade! Acham isso absurdo, não é assim? Pois bem: eu já uma noite sonhei que era leitão assado!

E como todos nós continuassemos a rir, Jacques sacudiu a cabeça :

— Vocês riem de tudo... Dou-lhes a minha palavra de honra : não gracejo. Vou contar-lhes o meu sonho...

E começou :

« Sonhei que era um leitão assado...

A principio a minha impressão foi de espanto. Sentia-me estendido horizontal-

mente, sobre um prato. Sentia-me cheio de cousas que não eram os meus próprios órgãos.

E havia em mim um cheiro delicioso de carne gorda tostada...

Pouco a pouco fui comprehendendo. O prato em que repousava, estava ao centro de uma grande mesa aparelhada para banquete. Via estender-se diante de mim a toalha adamicada, carregada de crystaes e de pratarias. Grandes ramos de flores rubras e brancas viçavam em jarrões de porcellana. Em com-poteiras de crystal, symetricamente dispostas, havia doces varios: e eu distinguia o vermelho crú das goiabas em calda, o amarello dourado dos damascos, o tom escuro das uvas e das ginjas. Um castello de fios de ovos, bem perto do meu nariz, subia rutilante, adornado de balas de estalo, para o tecto do salão, até encontrar os pingentes do grande lustre triumphal em que ardiam constellações de velas. Ergui os olhos. E notei uma cousa que desde então me preoccupou terrivelmente: no pinculo do monumento de fios de ovos havia dous bonecos de assucar pintado, de mãos dadas, em grande gala,—um casal de noivos...

Santo Deus! eu ia ser a peça de resistencia de um banquete nupcial... Quem seria a noiva?

Uma revolta surda começou a tecer-me os miolos de porco assado... Como diabo estava eu ali transformado em leitão, com o ventre cheio de farofa e sarrabulho, e com as costas cheias de rodela de limão espetadas em palitos? Comecei a ouvir uma musica afastada. Compreendi que dansavam no salão de baile. Era uma valsa. E imaginei logo que a noiva, radiante sob a grinalda de flores de laranjeira, muito branca, toda branca, suspendendo a longa cauda do vestido de gorgorão nevado, estaria gyrando nos braços do noivo — offegante e pallida, com uma curiosidade e um receio fuzilando nos olhos... Havia de ser isso... Estavam valsando, com certeza... Os meus ouvidos de leitão percebiam mesmo o rumor dos pés arrastados no soalho, á cadencia da valsa... E eu estava alli, sem falla, sem movimento, sem defesa possivel, abandonado, miserrimo!

E dahi a pouco o trinchante me despedaçaria a carne, e o meu abdomen se desmancharia numa chuva de azeitonas e de farofa,

e dentes implacaveis, dentes vorazes, dentes crueis me triturariam as fibras...

Não lhes posso dar uma idéa, por pallida que seja, do soffrimento que me alanceava... Mas, imaginem vocês: eu, porco! eu, assado! eu, comido! e pensando! e vendo! e ouvindo! e tendo a consciencia do meu estado e a certeza da sorte que me esperava!...

A musica parou. Acabara a valsa. Aproximavam-se passos pelo corredor.

Alguns convidados entraram. Chegaram-se ao *buffet*, refrescaram-se. Conheci alguns.

Lá estava o Mendes Netto, de olhos felinos e bocca sensual chuchurreando um *cognac*. Lá estava o Arthur de Azeredo, mastigando voluptuosamente um *croquette*. Mais longe, o Souza Ramos, saboreando um sorvete conversava com o João Pinheiro. E não me podiam vêr! e não sabiam, aquelles anthropophagos, que dahi a pouco comeriam o seu amigo, sob a fórma de leitão assado!... Mas o que mais me indignou foi vêr o Simeão — (lembram-se vocês do Simeão, aquelle gordo, louro, imbecil?) — foi vêr o Simão, num grupo de senhoras, fazendo-se amavel... E as

senhoras riam. E eu pensava: — Que disparates estará dizendo aquelle idiota!...

Houve na sala um movimento. Afastaram-se os grupos para dar passagem a alguém. Era a noiva que entrava. Olhei e... quasi dei um grito de horror e de espanto. Só não gritei, porque leitão assado não grita... Como lhes hei de contar isto?—A noiva era a Alice! Conhecem vocês a Alice? A minha Alice, que eu naquelle tempo amava apaixonadamente, loucamente! Era a minha Alice com aquelles mesmos olhos immensos e negros, com aquelles mesmos labios vermelhos, humidos, gulosos de beijos...

Que horror!

Vinha pelo braço do noivo. Não conheci esse animal. Era um sujeito pansudo, lorpa, com umas enormes orelhas despegadas da cabeça chata, hediondamente calva. Os dous, muito unidos, fizeram a volta da mesa.

E pararam junto de mim... Elle, inclinando-se muito para ella, disse-lhe ao ouvido qualquer cousa. Ella corou e olhou-o muito, longamente, com amor, com gratidão. E eu immovel, paralyzado sobre o prato... Ah! se eu pudesse mover-me, atirar-me sobre elles, e

vingar-me, emporcalhando o vestido della com a gordura da minha pelle tostada!

Mas não estava ainda esgotada a minha taça de amarguras. Peior foi a minha tortura, quando ella, a minha Alice, inclinando-se sobre a mesa,—com a sua mão pequenina! com a sua mão perfumada! com a sua mão que eu tantas vezes beijara delirando! com a sua mão-sinha enluvada de branco — tirou do meu corpo uma das rodellas de limão que me enfeitavam, e começou a chupal-a devagarinho, com os seus divinos labios vermelhos, humidos, gulosos de beijos!...

Oh! era o meu sangue! era a minha alma! era a minha vida que ella chupava!

Mas, nesse momento, sentaram se todos á mesa. Um criado, de casaca e gravata branca, tirou o prato em que eu estava e levou-o para um aparador.

Chegara o momento fatal. Iam trinchar-me! Lembro-me bem de que, em caminho, o Arthur de Azeredo, que tomava logar entre dois convivas, olhou-me com ternura, e disse, passando a lingua pelos beiços: — Que bello porco, hein?...

Não vi mais nada, não ouvi mais nada...
Ouvi um tinido de metaes, vi uma lamina
fulgurar, senti uma punhalada assassina, e,
quando ia desmanchar-me em azeitonas e fa-
rófa, acordei...»



O CRIME

CRATA DE JACQUES, ACHADA ENTRE PAPEIS VELHOS

SABERÁS tudo, já que tudo queres saber. Tres annos passaram sobre essa negra tragedia. E ainda hoje tenho tudo presente á memoria, e ainda hoje te faço esta pergunta, que ha tres annos dirijo a mim mesmo, todos os dias, sem lhe achar resposta:—Foi um crime o que eu fiz?

Quando Octavio me bateu á porta, ás dez horas da noite, eu tinha um livro aberto diante de mim. Não lia. A' colera, que me agitara durante toda a tarde, succedera uma grande prostração. Parecia-me sem remedio a minha desgraça, depois daquella certeza, daquella terrivel certeza...

Amal-a como eu a amava, com o desejo nunca saciado de a possuir, affrontar tudo, commetter o crime de lhe dar cerco durante dous longos annos, perseguil-a por toda a parte, ter de viver numa constante dissimulação com o marido, ouvir-me a toda hora elogiado por elle, comer-lhe os jantares todos os dias, só para estar junto della,—desanimar afinal, consider-a honesta, reputal-a o modelo das esposas, passar do amor á veneração, consolar-me com a minha derrota,—e, de repente, aquella certeza, aquella terrivel certeza de que a minha santa só para mim era santa, e humanisava-se com o *outro*, na suprema delicia que eu tanto ambicionara!

Eu e Octavio eramos dous inseparaveis. Ligados por um parentesco longinquo, quasi com a mesma idade, sepáramo-nos quando tive de ir ao norte buscar a minha carta de doutor, deixando-o a estudar o seu terceiro anno de medicina.

Nos cinco annos que durou o nosso apartamento, correspondemo-nos sempre, — cartas de amigos cheias de confidencias e de saudades. Uma dessas cartas trouxe-me, poucos

mezes antes da minha formatura, a noticia do seu casamento. Casamento pobre: uma menina orphã, que elle encontrara em casa de uma tia, no Engenho Velho.

A carta, longa e apaixonada, fechava com este trecho: «Emma, que está ao meu lado, vendo-me escrever, manda-te um grande abraço. Já te estima extraordinariamente, mesmo sem conhecer.»

E mezes depois, numa radiante manhã de domingo, vendo approximarem-se do navio, que me trouxera, escaleres e lanchas cortando a agua verde, batida pelo sol,—a primeira physionomia conhecida que lobriguei foi a de Octavio. Dizia-me adeus, muito alegre, mais gordo, num fato de casimira clara. Ao seu lado, toda de branco, acenava-me com o lenço a mulher. Alta, esbelta, de um moreno dourado, grandes olhos profundos, bocca pequena e vermelha; sob o chapéu de palha desabado viam-se-lhe os cabellos, fartos e negros. Foi ella quem subiu primeiro a escada. Veio a mim, naturalmente, sem embaraço, sem me chamar—doutor,—com uma confiança que me captivou desde logo:

— Bom dia, Jacques!

— Minha senhora...

E caí nos braços de Octavio. Ao almoço, em casa delles, ficamos mais de quatro horas á mesa, matando saudades. Ella tomou parte na conversa, com uma adoravel tagarellice de dezoito annos. Examinei-a. Deliciosa de graça e de belleza. Tinha a pelle finissima, a orelha pequenina e delicada, como uma concha preciosa.

Quando olhava para o marido, velavam-se-lhe os olhos de carinho, meigos, deliciando-se na contemplação delle.

Desse dia,—foi talvez o dia mais feliz da minha vida! — nasceu esta irremediavel desgraça. Não fosse elle, e eu não teria commettido aquillo que ainda agora mesmo te pergunto se foi um crime...

Amei-a pelo habito de vel-a todos os dias, de sentar-me todos os dias ao seu lado, de ouvir-a, embriagado pelo seu aroma, deliciosamente abrazado pelos seus grandes olhos profundos. Tratava-me sem cerimonia, como a um irmão. Contava-me, confiadamente, com os olhos muito perto dos meus,—quando Octavio sahia a ver algum doente e ficavamos sós,—a

sua vida antiga de menina pobre, sem distrações, junto de uma tia rabujenta, na enorme casa triste do Engenho Velho; o seu namoro com Octavio, as difficuldades que appareceram para o casamento, — ella, orphã e pobre, elle, medico novo e sem clinica; e ia por diante, fallando muito do marido, elogiando-lhe o talento e a bondade, — torturando-me.

Com o *outro*, era muito mais fria do que commigo.

Chamava-se Barbosa. Ia lá ás vezes jantar, mas commumente só apparecia á noite. Era um moço rico, baixinho, janota, olhos piscos por traz dos vidros grossos de um pince-nez de ouro, roupas espalhafatosas, muito conversador. Quando fomos apresentados, — ainda crês em presentimentos? — não antipatlisei com elle. Achei-o vulgar, nem bonito nem feio, nem tolo nem intelligente, — supportavel. E nunca me passou pela idéa que amasse Emma: tratava-a com respeito e era tratado com frieza.

Continuei a amal-a. Depois da época do amor contemplativo, veio a outra, a da febre. Achei-me idiota — amando uma mulher, sem lh'o dizer. Possui-me da ambição insaciavel de gozal-a. Fui perseguido pela sua lembrança,

pelo seu olhar, pelo seu cheiro, sem tregoa, de dia e de noite. Quiz deixar de vel-a. Jacques arrastava-me para lá, chamando-me ingrato.

Uma noite conversavamos os tres.

O *outro* não viera. A campanha retiniu: era um chamado--vinham pedir a Octavio que fosse immediatamente soccorrer um doente.

Ficamos sós. Emma principiou a folhear uma revista illustrada.

Na sala de jantar, silenciosa, ouvia-se apenas o tic-tac do relógio. Não sei o que me deu coragem. Tomei-lhe a mão, beijei-a, ajoelhei-me, disse-lhe tudo, que a amava, que não podia mais com aquella tortura.

Emma, pallida de surpresa, levantou-se.

— Oh! mas enlouqueceu, Jacques? levante-se!

— Emma!

— Basta! não me insulte.

E repelliu-me com violencia.

Sahi, corrido de vergonha. Deixei de lá ir oito dias. Quando Octavio me procurava em casa, o criado tinha ordem expressa de lhe dizer que eu sahira. Mas encontrou-me na rua. Que me havia elle feito? que queria dizer

aquillo? nada! havia de ir jantar com elle, iria, ainda que á força! Fui. Ella recebeu-me com mais carinho do que nunca. Na meiguice com que me tratou, pareceu-me ver uma certa piedade commovida, pela minha paixão impossivel. Não se referiu á scena que eu fizera. E senti desde então o meu amor transformar-se em veneração: desanimei.

Mas, naquella tarde...

Descia a rua do Ouvidor, quando me senti agarrado pelo braço. Era o Barbosa, o *outro*. Tremia, muito pallido.

— Venha cá.

Levou-me para o fundo de uma confeitaria. Deixou-se cahir na cadeira, extenuado:

— Que desgraça, doutor! que desgraça!

Eu olhava-o, espantado. Mas o caixeiro approximava-se. Barbosa pediu cognac, bebeu tres calices, de pancada, e com a cabeça entre as mãos, começou a fallar rapidamente, confundindo palavras, precipitando phrases, de um jacto. Fiquei sem movimento e sem voz, fulminado. Elle fallava, contava tudo. Havia anno e meio que era amante de Emma. Eu

com certeza nada tinha suspeitado! Pudera! tomavam tantas precauções... Nunca se encontravam em casa do marido. Davam-se entrevistas durante o dia, duas vezes por semanas, em casa de uma tia della, no Cosme Velho. Anno e meio... De repente, que desgraça! que desgraça!... Fôra Emma quem lh'o mandara dizer, em uma carta.

— Veja.

Estendia-me um bilhete amarrutado. Era uma letra miuda, tremula, lançada á pressa no papel: « Estamos perdidos. Elle sabe tudo. Mandaram-lhe uma carta anonyma. Mata-me, com certeza... »

Não sei como não estrangulei aquelle miseravel! Continuava a fallar, perguntava-me o que devia fazer. Mas não o ouvi. Sahi, cambaleando, com uma nuvem de sangue diante dos olhos, andei ruas e ruas, cerrando o punho, cravando as unhas na carne, cêgo. Vaguei toda a tarde, sem destino. Que torpeza! com aquelle insignificante, com aquelle idiota!

Quando entrei em casa, já noite, andava-me a cabeça á roda. Mas seria possível? Como não tinha eu sorprendido nunca um signal entre os dois, um olhar, um tremor de

voz? Como não tinha eu visto nada, absolutamente nada?

Não pensei em Octavio.

Naquella grande desgraça, não me lembrei delle, tão meu amigo, tão nobre rapaz, tão digno, trahido daquelle modo, fulminado por aquella vergonha. Quiz ainda esquecer-me de mim, procural-o, lastimal-o, consolal-o. Mas, a meu pezar, lembrava-me apenas de mim, que durante dois annos seguidos a tinha amado em silencio, respeitando-a.

Que papel, que papel tinha eu representado! Fingido tudo aquillo, fingido o seu modo recatado de esposa digna, fingido o seu carinho pelo marido, fingida a indignação daquella noite, na sala de jantar... Porque não a agarrei violentamente, porque não a amei alli mesmo, quando ella por certo não esperava senão pela primeira violencia para ceder, como uma adúltera que era? Como pôde ser tão inepto, que tomára por surpresa de honestidade o que era apenas requinte de faceirice? E comprehendí até que ponto a minha amisade fôra suffocada pelo meu amor: o que eu sentia agora por Octavio não era já commiseração — era desprezo.

O trahido era eu, era eu, que a amava: e parecia-me que elle era o unico responsavel por aquillo, como se tivesse o dever de vigiar a mulher, só para que eu não fosse trahido.

Emfim, estava feito. Elle que se arranjasse... Eu que podia fazer?

E, num grande desconsolo, alquebrado pela colera que me sacudira todo, olhava, ás dez da noite, para um livro que não lia, tristemente. Foi quando ouvi bater á porta. Quem poderia ser? Barbosa, talvez... Era melhor não abrir. Mas, reconheci a voz de Octavio.

— Abre, Jacques !

Apressei-me. Entrou, muito calmo, apertou-me a mão, estirou-se na cadeira de balanço, dizendo-se cançado. Fiquei sem saber o que havia de lhe dizer. Espantava-me aquella tranquillidade: estaria o Barbosa louco? seria tudo aquillo uma invenção?

Octavio pegou no livro :

— Que estavas lendo ?

E, sem esperar resposta e sem olhar para mim :

— Por que não appareceste hontem e hoje ?

— Muito trabalho...

Elle levantou-se de um salto, atirou o livro ao chão, e, segurando-me pelos hombros, com os seus olhos nos meus, disse, entre dentes, num tom surdo :

— Minha mulher engana-me. Tu sabes disso...

Tive o poder de dissimular.

— Como? estás doudo, Octavio?

— Sabes !

— Não sei nada, filho. E impossível !
Quem te metteu isso na cabeça ?

Elle sentou-se, calmo outra vez.

— Ouve. Não estou doudo. Preveniu-me uma carta, com a indicação do logar, da hora, todos os detalhes. Fui, e vi-a entrar. Engana-me. Engana-me com o Barbosa, com aquelle miseravel. Tu sabias ?

— Não sabia, acredita !

— Que infamia !

Deu alguns passos pelo quarto, agitado, tomou o chapéu.

— Vem dahi. Vamos andar. Isto aqui suffoca.

Sahimos. A'quella hora, quasi deserta a praia de Botafogo. Fomos seguindo calados o paredão do caes, pela noite serena, cheia das vozes do mar, cheia da palpitação das estrellas. A praia estendia-se, recurvando a lonha reticencia luminosa dos lampeões. De quando em quando, um carro passava, descoberto, a toda disparada, transbordante de risadas e de cantigas. Octavio, de cabeça baixa, vergastava o ar com a bengala.

Então, tive uma idéa covarde. Porque não aproveitar aquelle ensejo de vingança? porque negar que sabia? porque não aproveitar o marido ciumento contra o rival odiado?

Elle parou:

— Tu sabias, Jacques...

Reagi contra a tentação.

— Não sabia. E mesmo não creio. Que provas ha?

— Digo-te que a vi entrar.

— Mas, sabes lá se é a casa de alguma amiga?

— Jacques, falla com franqueza! estás mentindo. Sabias.

Não! eu não podia commetter aquelle crime, seria uma abjecção... Mas, elle insistia:

— Sabias, Jacques ?

Não pude mais resistir :

— Pois bem ! sabia.

E disse o que sabia e o que não sabia, inventei episodios, creei minucias, reduzi Emma ás proporções de uma *coquette* vulgar, pul-a-núa, mostrei-a entregando-se ao amante, numa casa alugada, alarguei cruelmente a ferida que o desgraçado tinha no coração, envenenei-a, açulei todo o seu odio de marido enganado contra o Barbosa, augmentando-lhe e aggravando-lhe a culpa, com uma perversidade sem nome.

— Que infamia ! que infamia !

Esteve um momento calado, olhando o mar que estourava contra as pedras, espumante. E, de repente :

— Basta ! não fallemos mais nisto. Vamos para casa. Moras perto de mim, deixarme-has á porta. Fallemos de outra cousa.

Maç, não fallámos de cousa nenhuma. Fomos andando em silencio, de braço dado, até que, á porta da casa delle, voltei ao assumpto, já arrependido do que fizera.

— E, agora, que tencionas fazer ?

— A elle? Nada. Ella offereceu-se-lhe, elle acceitou-a. Demais, não era meu amigo. Sim! eu nunca o chamei amigo...

— E a ella?

— Nada tambem. Corro-a de casa, a pontapés, como uma ladra. Olha! Vou ver se durmo, tenho a cabeça a arder. Vem cá, de manhã. Leval-a-has para a casa da tia. Livro-me della, vendo tudo, vou para longe daqui, para onde ninguem saiba desta vergonha. Boa noite...

E abriu a porta, Quiz ainda detel-o. Elle impacientou-se :

— E' isto, filho ! Vem amanhã, cedo. Não posso mais fallar nesta immundicie. Boa noite.

Entrou. Ouvi o rumor da chave, fechando a porta, ouvi passos pela escada acima.

E a casa, na rua deserta, ficou silenciosa, escura, indifferente, como nas outras noites, quando eu sahia dalli, tarde, despedindo-me no topo da escada de Emma e Octavio, muito chegados um ao outro, muito felizes.

Tive remorsos. Que iria elle fazer? Se matasse o Barbosa, não seria eu o verdadeiro auctor desse crime?

Mas aquelle dia de commoções violentas acabara por aniquilar-me. O que eu agora queria era esquecer-me de tudo, fugir de tudo, dormir ou morrer, com tanto que não pensasse mais naquillo.

Atirei-me á cama, sem consciencia.

Dia alto, acordei, sobresaltado. Alguem me abalava a porta, violentamente, gritando.

Fui abrir. E Barbosa precipitou-se no quarto com a physionomia torcida de terror, allucinado. Abraçou-se a mim, chorando. Tonto ainda de somno, fiquei sem comprehender cousa alguma. Elle chorava, sem poder fallar, suffocado pelo choro. Afinal, sempre pude entender: Octavio assassinara a mulher.

Contou-me os pormenores. De manhã, não se podendo conter, fôra rondar-lhe a casa. Havia muita gente á porta. Disseram-lhe que o Dr. Octavio matara a mulher a tiros de revólver; que já fôra preso; que a policia tomara conta da casa.

Vesti-me não sei como, corri para lá. Dois soldados á porta não me queriam deixar entrar: empurrei-os, subi a escada a quatro e quatro.

Na sala, guardado pela policia, o corpo estava no chão, estendido sobre o tapete. Nenhuma pessoa da familia: Octavio preso, e a tia, naturalmente, ainda ignorando tudo.

Emma estava vestida de branco, como naquella radiante manhã de domingo, quando a vi pela primeira vez, a bordo. Collavam-se-lhe á testa os cabellos, empastados. Aberto no peito, o vestido deixava sahir um seio moreno, rijo e curvo como um bloco de ouro, todo listrado de sangue.

Sob as palpebras arregaçadas, os seus olhos negros, os seus grandes olhos profundos fixavam-me em mim.

O *outro* vivia. Ella estava morta. Fôra eu quem a matara?

Que importava?... ninguem mais beijaria aquelle seio, beijado por dous homens, nunca beijado por mim...

Foi um crime—o que eu fiz?»

INDICE

CHRONICAS

	PAGS.
I Liminar	9
II Marília	19
III Padre Faria	41
IV S. João do Ouro Fino	49
V Entre Ruínas	55
VI Lazaros	62
VII S. José d'El-Rey	77
VIII Fr. João Joseph	85
IX O Triumpho Eucharistico	90

NOVELLAS

I No Tieté	127
II No Hospital	135
III A Cannabina	147
IV O Sonho	155
V O Crime	163







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).